

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

NATÁLIA REICHERT GREFF

**NARRATIVAS DE UM TEMPO:
Discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas
no Brasil e Argentina**

Porto Alegre

2018

NATÁLIA REICHERT GREFF

**NARRATIVAS DE UM TEMPO:
Discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas
no Brasil e Argentina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino.

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Rui Vicente Oppermann
Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Karla Maria Müller
Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Jeniffer Alves Cuty
Chefia Substituta Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Ana Celina Figueira da Silva
Coordenadora Substituta Márcia Regina Bertotto

CIP - Catalogação na Publicação

Greff, Natália Reichert
Narrativas de um tempo: Discursos expográficos
sobre a história das Reduções Jesuíticas no Brasil e
Argentina / Natália Reichert Greff. -- 2018.
105 f.
Orientadora: Vanessa Barrozo Teixeira Aquino.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Reduções jesuíticas.. 2. Exposição museológica..
3. Discurso expográfico.. 4. Museu das Missões
(Brasil).. 5. Museu Jesuítico de San Ignacio Mini
(Argentina).. I. Aquino, Vanessa Barrozo Teixeira,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana
Porto Alegre - RS
Telefone (51) 33085067
E-mail: fabico@ufrgs.br

Natália Reichert Greff

**NARRATIVAS DE UM TEMPO:
Discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas
no Brasil e Argentina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino.

Aprovado em 11 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (Orientadora) - UFRGS

Prof^a. Dra. Ana Celina Figueira da Silva - UFRGS

Prof^a. Me. Natália Thielke - Doutoranda em Educação (PPGEDu/UFRGS)

*Dedico este trabalho à minha mãe, Nilsa Terezinha Scheeren Reichert,
que é família, é melhor amiga e é minha maior inspiração.
Que eu seja teu orgulho, assim como és o meu.*

AGRADECIMENTOS

Há seis anos mudei para a capital e iniciei minha trajetória na Museologia. Durante este percurso tive altos e baixos em relação à minha futura profissão, mas hoje encerro este capítulo com a certeza de que escolhi o caminho certo. Graças à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cresci na vida acadêmica, construí uma base para exercer a Museologia e, principalmente, amadureci como pessoa.

Agradeço aos meus professores que contribuíram para minha formação, em especial à minha querida orientadora Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, que me inspira como a profissional dedicada que eu pretendo ser. Obrigada pelo estímulo, pelo carinho e pela orientação.

À equipe do Museu das Missões pela atenção e acolhimento caloroso em minha visita. Ao Andrés Sansoni, que não mediu esforços para me auxiliar no desenvolvimento da pesquisa sobre o museu argentino e seu acervo, obrigada pela paciência e atenção cordial.

Às amigas que o curso me proporcionou e que desejo sucesso e grandes conquistas na carreira e na vida: Júlia Maggi da Costa, Marcelo Augusto Kish Scheffer, Lubianca Montagner Weber e Vanessa Astigarraga Leão. Às amigas de longa data que cultivo à distância: Rafaela Pilecco, Raíssa Teixeira, Bianca Rios, Nicole Schneider, Mayra Urach. Que sigamos juntas para comemorar cada vitória.

Um agradecimento especial ao meu tio Paulo Rogério Reichert por se fazer presente nesta etapa com suas visitas e conversas sempre enriquecedoras.

Ao John Feodoroff Nunes, meu namorado, amigo e parceiro, que me incentiva a correr em busca dos meus sonhos e apoia minhas decisões com paciência e amor. Obrigada por estar sempre presente.

E o meu mais profundo agradecimento à minha mãe, a quem dedico este trabalho, pelo amor incondicional e incentivo a dar um passo de cada vez em busca dos meus objetivos. Meu amor e admiração por ti só crescem. Teu apoio, tua dedicação e teus esforços me conduzem e me inspiram a ser um ser humano cada vez melhor.

RESUMO

Os jesuítas recém-chegados na América do Sul instalaram reduções jesuíticas para catequização dos nativos, que ficaram conhecidas como Trinta Povos das Missões. Séculos mais tarde, as ruínas dos povoados foram consideradas patrimônio nacional e internacional, reconhecidas por seu valor histórico único. Este trabalho tem como objetivo analisar de que forma o Museu das Missões de São Miguel das Missões (Brasil) e o Museu Jesuítico de San Ignacio Miní (Argentina) apresentam a história das reduções jesuíticas através dos objetos nas exposições de longa duração. Para essa investigação, a pesquisa foi realizada em forma de estudo de caso com abordagem qualitativa, utilizando como metodologia a análise documental, por meio de documentos e *sítes* vinculados às instituições, bem como observações *in loco* e coleta de dados durante as visitas. Os principais conceitos que basearam a análise foram os de musealização (CURY, 1999; 2005; DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013; BRUNO, 2014), exposição (SCHEINER, 2002; KNAUSS, 2003; GUARNIERI, 2010) e o conceito de chaves associativas (BLANCO, 2009). O trabalho contemplou um breve histórico das reduções e o contexto de criação dos museus missioneiros, para compreender as decisões curatoriais e os critérios de associação que compõem a narrativa expográfica apresentada. Conclui que os objetos são fonte de múltiplas possibilidades de contextualização e que os museus missioneiros podem criar inúmeros discursos para narrar e problematizar a história das reduções jesuíticas, mas também levando em consideração as relações estabelecidas com o público externo.

Palavras-chave: Reduções jesuíticas. Exposição museológica. Museu das Missões (Brasil). Museu Jesuítico de San Ignacio Miní (Argentina).

ABSTRACT

The newcomers Jesuits installed the Jesuit Reductions in South America, later known as Thirty Missions, willing to catechize native people. Centuries later, the ruins of the villages were listed as national and international heritage, recognized by their unique historical value. The purpose of this work is to analyze how does the Missions Museum (Brazil) and the Jesuit Museum of San Ignacio Miní (Argentina) present the Jesuits Reductions' history in their permanent exhibition, especially through their objects. This investigation consists in a study case of qualitative approach, and applies as methodology documental analysis such as documents and institutional websites, in conjunction with on-site observations and data collected during the visits. The theoretical concepts that grounded this analysis were musealization (CURY, 1999; 2005; DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013; BRUNO, 2014), exhibition (SCHEINER, 2002; KNAUSS, 2003; GUARNIERI, 2010) and the concept of association criteria (BLANCO, 2009). The work presents a brief history of the Jesuit Reductions and the background of these missionary museums, in way to understand their curatorial definitions as well as the association criteria used in the exhibition's narratives. It concludes that the objects are source of multiple possibilities of interpretation and the missionary museums can create countless narratives to tell the Jesuits Reductions's history, and also establishing a dialogue with their visitors.

Keywords: Jesuits Reductions. Museum exhibition. Missions Museum (Brazil). Jesuit Museum of San Ignacio Miní (Argentina).

RESUMEN

Los jesuitas recién llegados en América del Sur instalaron reducciones jesuíticas para catequizar los nativos, que quedaron conocidas como Treinta Pueblos de las Misiones. Siglos más tarde, las ruinas de los pueblos fueron consideradas patrimonio nacional e internacional, reconocidas por su valor histórico. Este trabajo tiene como objetivo analizar de qué forma el Museo de las Misiones de San Miguel de las Misiones (Brasil) y el Museo Jesuítico de San Ignacio Miní (Argentina) presentan la historia de las reducciones jesuíticas a través de los objetos en las exposiciones de larga duración. La investigación fue realizada en forma de estudio de caso con abordaje cualitativo utilizando como metodología el análisis documental, por medio de documentos y sitios vinculados a las instituciones, así como observaciones *in loco* y recolección de datos durante las visitas. Los principales conceptos que basaron el análisis fueron los de musealización (CURY, 1999; 2005; DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013; BRUNO, 2014), exposición (SCHEINER, 2002; KNAUSS, 2003; GUARNIERI, 2010) y el concepto de claves asociativas (BLANCO, 2009). El trabajo contempló un breve histórico de las reducciones y el contexto de creación de los museos misioneros, para comprender las decisiones curatoriales y los criterios de asociación que componen la narrativa expográfica presentada. Concluye que los objetos son fuente de múltiples posibilidades de contextualización y que los museos misioneros pueden crear innumerables discursos para narrar y problematizar la historia de las reducciones jesuíticas, pero también teniendo en cuenta las relaciones establecidas con el público externo.

Palabras clave: Reducciones jesuíticas. Exposición museológica. Museo de las Misiones (Brasil). Museo Jesuítico de San Ignacio Miní (Argentina).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Localização geográfica de Guairá, Itatim e Tape.....	22
Figura 2 Os Trinta Povos das Missões.....	23
Figura 3 Tipologia urbana (Plano del Pueblo de La Candelaria, 1759-1793).....	25
Figura 4 Igreja de São João Batista.....	26
Figura 5 Igreja de São Miguel.....	26
Figura 6 Afresco da Capela de Nossa Senhora do Loreto.....	28
Figura 7 São João Batista Menino.....	28
Figura 8 Representação de cotiguaçu.....	29
Figura 9 Interior da igreja de São Miguel (1928).....	38
Figura 10 Vista da fachada antes das obras (1937).....	38
Figura 11 Igreja de San Ignacio Miní (década de 1940).....	39
Figura 12 Cabildo de San Ignacio Miní (década de 1940).....	40
Figura 13 Sítios arqueológicos São Miguel e San Ignacio Miní.....	41
Figura 14 Igreja de São Miguel das Missões.....	42
Figura 15 Igreja de San Ignacio Miní.....	42
Figura 16 Museu e casa do zelador vistos das ruínas (1941).....	49
Figura 17 Recorte da primeira exposição (1941).....	50
Figura 18 Exposição de objetos no exterior do museu (1941).....	50
Figura 19 Museu das Missões atingido pelo tornado (2016).....	52
Figura 20 Museu das Missões reaberto (2017).....	52
Figura 21 Centro de Interpretación de San Ignacio Miní.....	54
Figura 22 Objetos da exposição de 2007.....	55
Figura 23 Museu Jesuítico de San Ignacio Miní.....	56
Figura 24 Planta baixa do Pavilhão Lucio Costa.....	63
Figura 25 Disposição das vitrines nas salas expositivas do Museu das Missões	65
Figura 26 Grupo 1, Sala 1.....	66
Figura 27 Objeto 2, 3 e 4 localizados na Sala 1.....	67
Figura 28 Grupo 5, Sala 1.....	68
Figura 29 Grupo 6, Sala 1.....	68
Figura 30 Grupo 7, Sala 1.....	69
Figura 31 Grupo 8, Sala 1.....	70

Figura 32 Grupo 1, Sala 2.....	71
Figura 33 Grupo 3, Sala 2.....	71
Figura 34 Objetos 2 e 4, Sala 2.....	73
Figura 35 Grupo 5, Sala 2.....	68
Figura 36 Disposição das vitrines na exposição Patrimonial.....	78
Figura 37 Exemplo de legendas dispostas em vitrine.....	80
Figura 38 Grupo 1, exposição Patrimonial.....	81
Figura 39 Grupo 2, exposição Patrimonial.....	82
Figura 40 Grupo 3 (esquerda) e 4 (direita), exposição Patrimonial.....	84
Figura 41 Grupo 5, exposição Patrimonial.....	85
Figura 42 Disposição das vitrines na exposição Histórica.....	86
Figura 43 Grupo 1, exposição Histórica.....	87
Figura 44 Grupo 2, exposição Histórica.....	88
Figura 45 Grupo 3, exposição Histórica.....	89
Figura 46 Grupo 4, exposição Histórica.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNMMyLH – Comisión Nacional de Museos, Monumentos y Lugares Históricos

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 AS REDUÇÕES JESUÍTICAS: práticas nos complexos urbanos.....	19
3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E SEUS MUSEUS.....	33
3.1 Os sítios arqueológicos: do abandono ao patrimônio.....	35
3.2 Os museus nas ruínas: diálogos entre patrimônios.....	45
4 REDUÇÕES JESUÍTICAS EM EXPOSIÇÃO: análise dos discursos expográficos através dos objetos.....	58
4.1 Museu das Missões: a iconografia cristã nas reduções dos Sete Povos.....	62
4.2 Museu Jesuítico de San Ignacio Miní: fragmentos dos Trinta Povos.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

Localizados nos atuais territórios do Paraguai, Argentina e sul do Brasil, os Trinta Povos das Missões foram reduções jesuíticas organizadas pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus. Consolidadas a partir do século XVII, tinham como objetivo reunir grupos indígenas e introduzir o Cristianismo e os modos europeus de civilização.

As missões exerciam um regime comunitário e autossuficiente, com alto desenvolvimento econômico, administrativo e cultural. Ensinava-se a arte e as práticas de agricultura e pecuária, que garantiam o sustento da população. Seguiam um projeto urbanístico padronizado: a igreja era o principal edifício, localizada em frente à praça, e em seu entorno ficavam o colégio, o cemitério, a casa dos padres e as oficinas, além das habitações indígenas. Com o Tratado de Madrid, em 1750, as novas delimitações territoriais espanholas e portuguesas deram início à Guerra Guaranítica e, acusados de liderarem a guerra, os padres jesuítas foram expulsos das Américas, dando fim às Reduções Jesuíticas.

Atualmente, alguns vestígios dos Trinta Povos foram preservados e são considerados Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO): os sítios arqueológicos de São Miguel Arcanjo (Brasil), de San Ignacio Miní, de Santa Ana, de Nuestra Señora de Loreto e de Santa María la Mayor (Argentina), listados em 1983; e de Jesus de Tavarangue e de La Santísima Trinidad del Paraná (Paraguai), listados em 1993. A lista de Patrimônio da Humanidade foi criada a fim de preservar os sítios culturais e naturais para as futuras gerações, mas, como consequência, transformou-se em um inventário com significativo potencial turístico ao redor do mundo.

Uma das principais particularidades dos seres humanos e que se manteve como herança ao longo do tempo foi a capacidade de fabricar e adaptar utensílios que auxiliam em práticas cotidianas, ou, ainda, criam significados simbólicos através deles, estabelecendo uma profunda relação com a materialidade que os cercam. A cultura material valoriza o objeto enquanto documento e concebe novos significados aos vestígios que atravessam as linhas do tempo. Nesse sentido, os museus são criados como espaços de estudo e preservação do patrimônio material e imaterial. Muitos objetos que faziam parte da rotina das Reduções hoje integram museus

como fonte de informação e pesquisa, compondo um acervo tridimensional que preserva e comunica essa história para além dos sítios.

Minha jornada no curso de Museologia me possibilitou um olhar crítico que antes não possuía. “O que preservar?”, “por que preservar?”, “para quem preservar?” e “como comunicar?” são questões constantes que permeiam nossa área, entendendo que a preservação só faz sentido quando há identificação por parte da comunidade que ali vive. No caso de quem vive em terras missioneiras, especialmente do lado brasileiro, ocorre uma apropriação cultural e histórica, uma vez que as cidades foram construídas em cima das antigas Reduções. No entanto, como “missioneira” nascida e criada em São Luiz Gonzaga, uma das cidades que compõe os Sete Povos das Missões, sinto que é meu dever dar continuidade nas pesquisas sobre esse patrimônio, contribuindo para a valorização e preservação tanto do monumento edificado quanto dos objetos resgatados, visto que os vestígios que se encontravam na minha cidade natal não tiveram a mesma continuidade que os da cidade de São Miguel das Missões.

Desde muito nova tive contato com museus que abordam a história das Reduções Jesuíticas, porém sempre vistas pelo ponto de vista brasileiro. Entendendo que as noções de curadoria e, principalmente, os contextos de criação dos museus geram discursos diversificados sobre um mesmo assunto, fui instigada a descobrir como os países vizinhos, que compartilham um passado semelhante, abordam essa temática em seus museus. Essa pesquisa foi impulsionada pela escassez de informações acerca dos museus argentinos e paraguaios. Principalmente por motivos de viabilidade de tempo e de deslocamento, o estudo limitou-se em analisar o Museu das Missões, no Brasil, e o Museu Jesuítico de San Ignacio Miní, na Argentina.

Fundado em 1940, dentro do próprio sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, o Museu das Missões foi o primeiro museu a abordar a temática missioneira. Tinha como objetivo reunir obras de arte sacra remanescentes das Reduções Jesuíticas localizadas a leste do Rio Uruguai, hoje pertencentes ao território brasileiro, denominadas Sete Povos das Missões. Foi o primeiro museu a ser construído por iniciativas do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Atualmente é administrado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Assim como a instituição brasileira, o Museu Jesuítico de San Ignacio Miní faz parte do conjunto edificado junto às Ruínas de San Ignacio Miní, mas foi idealizado numa premissa diferente, em virtude de ser o desmembramento de outra instituição já existente desde 1987 e que também se localiza no próprio sítio, o *Centro de Interpretación*. Esses dois espaços foram criados com o objetivo primordial de expor objetos e artefatos encontrados nas ruínas de San Ignacio Miní e das demais espalhadas pela província de Misiones, na Argentina. No ano de 2016, o *Centro de Interpretación* foi completamente remodelado e passou a receber uma exposição virtual, levando a mudança da exposição tridimensional para o prédio anexo, dando início ao Museu Jesuítico.

Dentro das instituições museológicas, as exposições são um dos principais meios de comunicação com o público, pois expressam pontos de vista e posicionamentos sociais e políticos, trazendo perspectivas históricas e incitando reflexões acerca do passado. Cabe ressaltar que as exposições históricas são elaboradas a partir de um longo processo de pesquisa de fontes, seleção de acervo e construção de narrativas. No caso dos museus que são objeto de estudo dessa pesquisa, as exposições tem como objetivo narrar a história das reduções jesuíticas através dos diferentes objetos, entrelaçando-os por um discurso.

Minha curiosidade em entender as escolhas curatoriais das duas instituições me levou ao seguinte questionamento: Qual o discurso apresentado pelo Museu das Missões (Brasil) e pelo Museu Jesuítico de San Ignacio Miní (Argentina) sobre a história das reduções jesuíticas através dos objetos que se encontram nas exposições de longa duração?

Para responder a essa pergunta, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar o discurso apresentado pelo Museu das Missões e pelo Museu Jesuítico de San Ignacio Miní sobre a história das reduções jesuíticas através da expografia presente nas exposições de longa duração. Especificamente, intencionou-se averiguar o contexto de criação das instituições museológicas, identificar os objetos que se encontram nas exposições de longa duração e refletir o discurso apresentado nas exposições a partir dos objetos.

A pesquisa foi realizada em forma de estudo de caso com abordagem qualitativa, de natureza básica, se deu através de revisões bibliográficas, análise documental e observações *in loco*. A análise das exposições de longa duração foi realizada através de visitas técnicas às instituições museológicas para fins de

observação e coleta de dados, tal como um diário de campo com anotações de particularidades encontradas e minhas percepções pessoais sobre as visitas, bem como registros fotográficos.

Os principais conceitos nos quais se desenvolveu a pesquisa foram o de *musealização* (CURY, 1999; 2005; DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013; BRUNO, 2014), processo precedente à exposição que consiste na seleção e valorização dos objetos, retirando-os de seu contexto original e dotando-os de novos significados; o conceito de *exposição* (SCHEINER, 2002; KNAUSS, 2003; GUARNIERI, 2010), a fim de compreender o sentido e a prática de expor nos museus; e o conceito de *chaves associativas* (BLANCO, 2009), que permite a análise da escolha e conjunturas dos objetos da exposição numa determinada narrativa.

As fontes utilizadas para pesquisa relacionada ao Museu das Missões foram notícias no *site* do IBRAM e documentos, dossiês e volumes publicados para divulgar a instituição¹. As fontes para pesquisa sobre o Museu Jesuítico Guaraní San Ignacio Miní foram limitadas, atendo-se ao contato com a empresa privada Centro Alétheia, responsável pelo planejamento das exposições da instituição, e busca de informações por meio de mídias digitais. Ademais, considerou-se analisar a documentação indireta que contenha informação sobre o acervo musealizado, as instituições ou sobre os sítios arqueológicos como materiais gráficos confeccionados para divulgação cultural e turística.

O desenvolvimento e resultado da pesquisa proposto para esse Trabalho de Conclusão de Curso estruturou-se da seguinte forma: o segundo capítulo foi intitulado “As reduções jesuíticas: práticas nos complexos urbanos”, apresentando um breve histórico das missões jesuíticas que culminaram na criação dos Trinta Povos das Missões, da ascensão dos complexos urbanos até a expulsão dos jesuítas e, conseqüentemente, o fim das reduções, destacando especialmente as configurações urbanísticas características dos espaços reducionais, bem como os modos de vida da população indígena e dos jesuítas que ali se estabeleceram.

No terceiro capítulo, “Os sítios arqueológicos e seus museus”, são abordadas as primeiras iniciativas de preservação do patrimônio arqueológico até então abandonado, pelos respectivos Estados dos quais o território reducional foi dividido, além da listagem como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. O capítulo

¹ A exemplo da coleção “Dossiê missões” de Baptista (2015) e do volume “Museu das Missões” (BOTELHO et al. 2015), publicado para divulgar os museus vinculados ao IBRAM.

também apresenta o histórico de criação das instituições museológicas vinculadas aos sítios arqueológicos e que são objeto de estudo desta pesquisa, considerando que o contexto de criação das mesmas induz ao pensamento crítico institucional, que será refletido em suas exposições. Para tanto, as informações foram coletadas a partir de publicações do IBRAM e das diversas pesquisas acadêmicas já realizadas em território nacional, para o caso do Museu das Missões, e de documentos cedidos pelo Centro Alétheia e publicações digitais sobre o Museu Jesuítico de San Ignacio Miní.

Intitulado “Reduções jesuíticas em exposição: análise de representação através dos objetos”, o quarto capítulo deste trabalho traz uma análise comparativa dos discursos expográficos das exposições de longa duração apresentadas pelos dois museus missionários através dos objetos selecionados, procurando entender as intenções curatoriais que levaram à associação entre os objetos de uma mesma vitrine, sua disposição espacial nas salas e as chaves associativas (BLANCO, 2009) propostas a fim de uni-los no mesmo conteúdo conceitual. O capítulo também aborda alguns conceitos que permeiam as instituições museológicas e que são importantes para compreender o desenvolvimento das exposições de maneira geral.

Nas considerações finais são retomadas as questões que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa e os resultados encontrados no Museu das Missões e no Museu Jesuítico, propiciando uma reflexão não somente das escolhas curatoriais e as representações da história através dos objetos, mas também as formas de comunicar, para quem estão comunicando e as possíveis lacunas que permeiam as exposições museológicas estudadas.

Como espaços de comunicação e representação, os museus não deveriam se ater somente ao público, mas deveriam também estabelecer um diálogo com outros espaços museológicos, especialmente no caso do Museu das Missões e do Museu Jesuítico, por se tratarem de museus com uma proximidade temática e por estarem inseridos num discurso unificado enquanto Patrimônio da Humanidade.

Com esta contribuição para a pesquisa na área de Museologia, convido-os a fazer uma aproximação e problematização destas duas instituições, trazendo a teoria em Expografia e das narrativas expográficas em exemplos aplicados na realidade.

2 AS REDUÇÕES JESUÍTICAS: práticas nos complexos urbanos

Para analisar as exposições e escolhas curatoriais dos museus missioneiros é preciso, primeiramente, trazer alguns aspectos a fim de compreender como se sucederam as reduções jesuíticas dos Trinta Povos. Essa temática já é bastante discutida no meio acadêmico e existem diversas publicações² e produções que discorrem detalhadamente os mais variados prismas que compunham as reduções, seja no aspecto religioso, político ou social.

É importante ressaltar que os povoados serão aqui tratados como um conjunto unificado, não cabendo a esta pesquisa problematizar nem ressaltar as particularidades de cada Redução, ainda que cada uma delas pudesse apresentar alguma variação em sua estrutura (CUSTÓDIO, 2007). Já no que se refere aos povos nativos, é muito comum resumi-los aos Guarani, todavia “Presenças de grupos Jê e de Pampiano estão documentadas tanto na história quanto na geografia missional” (BAPTISTA, 2015, p. 194). Além disso, mesmo numa única etnia podem existir muitas diferenças entre grupos e divergências de liderança, mas que muitas vezes são reduzidos a um coro uníssono e harmonioso, ou pior, sem voz, submissos aos novos modos ocidentais de vida.

Tendo em vista essas observações, esse capítulo tem como objetivo abordar, de forma resumida, os fatos que desencadearam os Trinta Povos das Missões, considerando alguns eventos relevantes desde sua ascensão e, posteriormente, seu declínio. O enfoque principal serão as configurações urbanísticas das reduções, levando em consideração, também, os modos de vida dos jesuítas e dos nativos que ali viviam e a funcionalidade de cada um dos espaços que compunham esses complexos.

Considerou-se pertinente trazer um panorama geral de todas as reduções, não somente de São Miguel e San Ignacio, pois muitos dos objetos musealizados que atualmente se encontram nos dois museus que abordam essa temática pertenciam a outros povoados. Desse modo, as próprias instituições reforçam a ideia de unidade, ainda que divididas nos perímetros nacionais. Compreender as vivências, práticas e trocas realizadas entre indígenas e jesuítas nos aproxima

² Para saber mais sobre a história das reduções, ver KERN (1982; 1994; 2011), OLIVEIRA (1999; 2005; 2007), BAPTISTA (2004; 2006; 2015), CUSTÓDIO (1997; 2002; 2006), PESAVENTO (2006, 2007).

dessa realidade e permite uma maior problematização sobre as escolhas em relação à preservação do patrimônio, que serão abordadas nos próximos capítulos.

As reduções jesuítico-guarani despertam grande interesse por sua organização e êxito numa época de desbravamento e ocupação das terras do Novo Mundo³. Como afirmou Oliveira (2013, p. 159), “A história das missões e reduções jesuíticas é uma das mais bem sucedidas tentativas de cristianização implementada pela Companhia de Jesus no mundo todo”. Isso se deve a um conjunto de razões que vai muito além do âmbito religioso, sendo também uma consequência de fatores políticos e sociais (SOSTER, 2014). Portanto, antes de adentrarmos nas reduções propriamente ditas, é necessário contextualizar certos acontecimentos que as antecedem.

Segundo Oliveira (2013), a história das missões e reduções pode ser dividida em três períodos. O Primeiro Ciclo inicia em 1585, quando chegam os primeiros padres da Companhia de Jesus⁴ na Província do Paraguai⁵.

O novo projeto para a região foi o da conquista espiritual [...]. Executado pelos jesuítas, seria, assim, o modo de subjugar as populações nativas sem beligerância. Nesse contexto, a Companhia de Jesus foi convidada ao rei da Espanha, Felipe II, para fazer o trabalho de evangelização na Província do Paraguai (BOFF, 2005, p. 63).

Num primeiro momento, os trabalhos de evangelização foram empregados através das missões. Os jesuítas percorriam as aldeias indígenas para propagar a fé cristã, fazendo uso de imagens e de música religiosa para atrair os nativos (BOFF, 2005). Segundo Venturini (2009 apud Soster 2014), um dos maiores desafios dos padres era não só a conversão à fé católica, mas também a mudança cultural e habitual dos índios, como, a citar um exemplo, a poligamia. É importante ressaltar que, naquele período

[...] o cristianismo do Renascimento era mais um modo de vida do que um conjunto bem definido de crenças e rituais: englobava a educação, a moral, a arte, a sexualidade, as práticas alimentares, as relações de casamentos,

³ A partir do Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, as coroas portuguesa e espanhola dividem o território americano, denominado Novo Mundo, que dividiu o lado do litoral Atlântico para os portugueses e o lado noroeste e sudoeste de toda a costa do Pacífico para os espanhóis. (CUSTÓDIO, 2006).

⁴ A Companhia foi uma ordem idealizada em 1534 pelo militar religioso Inácio de Loyola, sendo reconhecida como tal pelo Papa Paulo III em 1541. Tinha como objetivo inicial libertar a cidade de Jerusalém da ocupação dos mouros, mais tarde enviados ao oriente e ao continente americano.

⁵ Os espanhóis chegam na região da Bacia do Rio da Prata em 1537 e fundam diversas pequenas cidades, dando início à Província do Paraguai (OLIVEIRA, 2007).

ritmava a passagem do tempo e os momentos fundamentais da vida. (GRUZINSKI, 2007, p. 98).

Em 1609 foi criada a Província Jesuítica do Paraguai⁶, dando início às primeiras reduções. A diferença entre as missões e as reduções é que na primeira os jesuítas realizavam um trabalho itinerante que não foi muito efetivo, enquanto que na segunda houve um assentamento, construindo casas para os indígenas e igrejas para catequização.

De acordo com Baptista (2015, p. 137), “os ‘bons caciques’ são representados como muito solícitos logo nos primeiros contatos”, o que significava uma “disposição para se reduzirem”. Essas primeiras empreitadas foram realizadas concomitantemente com as *encomiendas*⁷ e com as constantes capturas de indígenas pelos bandeirantes vindos de São Paulo em busca de mão-de-obra para trabalhar nas lavouras do lado luso do Novo Mundo (OLIVEIRA, 2007), fatores que contribuíram para o assentimento por parte dos nativos em juntarem-se aos jesuítas, uma vez que ali estariam protegidos.

Todavia, as primeiras reduções localizavam-se em “áreas afastadas das cidades coloniais” (THIELKE, 2014, p. 26) e estavam em condições precárias, portanto, muito vulneráveis a várias adversidades. Os indígenas, reunidos, viraram alvos fáceis de ataques dos bandeirantes, o que forçou os padres a guiar os sobreviventes em busca de novas terras para recriar as reduções. Nesse período, os jesuítas instalaram e abandonaram reduções nas regiões de Guairá⁸ e de Itatim⁹, que ocupou parte do estado do Mato Grosso do Sul, deslocando-se “para o nordeste argentino e Missões Orientais do Uruguai” (LEAL apud SOSTER, 2014, p. 32) na região denominada Tape, atual noroeste do Rio Grande do Sul (Figura 1).

Posteriormente, pelas mesmas razões das demais regiões, esta última também foi devastada e, mais uma vez, os jesuítas e indígenas que resistiram aos ataques são obrigados a migrarem, desta vez para a margem ocidental do Rio

⁶ A Província Jesuítica do Paraguai compreendia um território maior que a Província do Paraguai (OLIVEIRA, 2013). Estendia-se pelos atuais países da Argentina, Paraguai, Uruguai e partes da Bolívia e do Brasil.

⁷ A resistência por parte dos povos nativos aos processos de colonização resultou no sistema de *encomenda*, estabelecido pela coroa espanhola em 1556. Permitia aos *encomienderos* a exploração de territórios através do uso de mão-de-obra indígena de forma escravizadora e violenta.

⁸ Atual oeste do estado do Paraná.

⁹ Atual estado do Mato Grosso do Sul.

Uruguai, no nordeste da atual Argentina, onde puderam se instalar e prosperar progressivamente.

Figura 1 – Localização geográfica de Guairá, Itatim e Tape



Fonte: Simi, 2015, doc. eletr. Acesso em: 23 ago. 2018.

Em 1640 a União Ibérica¹⁰ é desfeita e “a Coroa Espanhola proíbe a presença de portugueses nas suas terras” (OLIVEIRA, 2013, p. 19) e, para garantir que isso ocorra, concede aos povos missioneiros o direito de usarem armas de fogo para defenderem-se dos ataques bandeirantes, que ficou conhecida como Batalha de *M’bororé*, em 1641. Esse processo de constante êxodo conclui o Primeiro Ciclo Missioneiro.

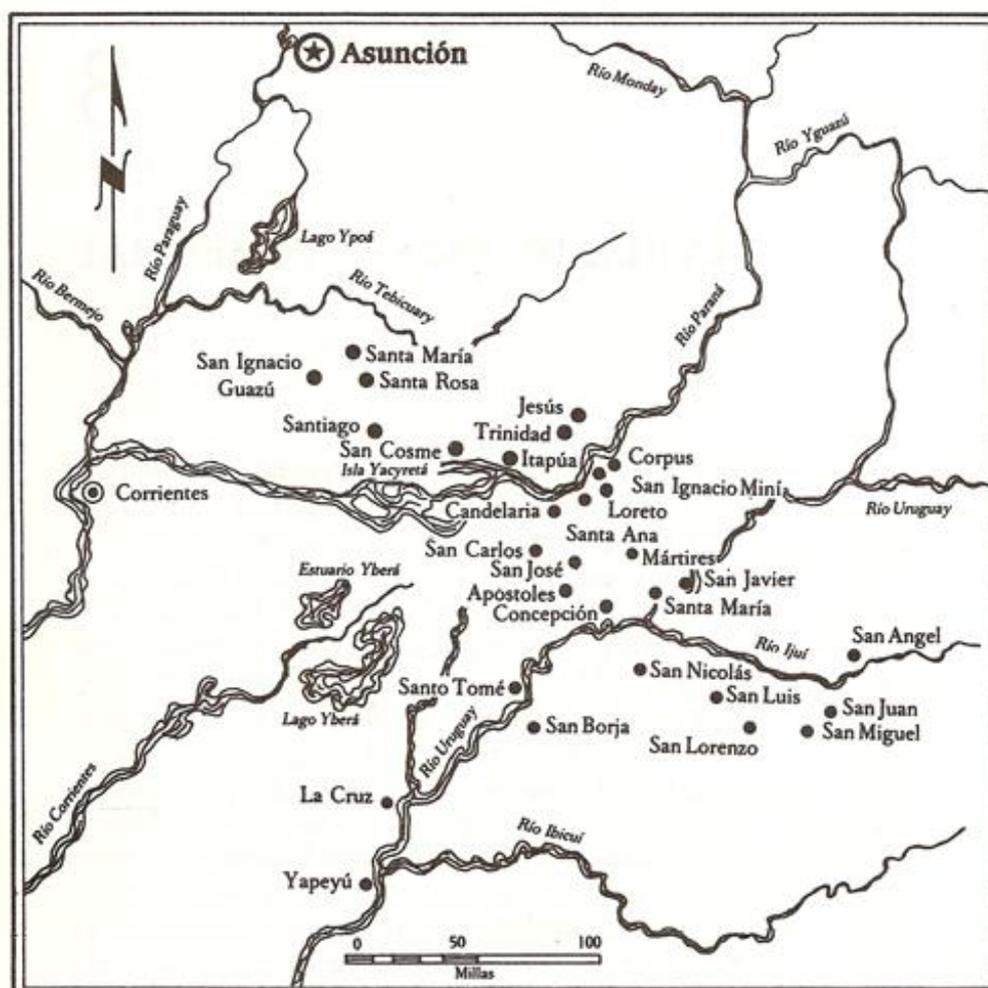
O Segundo Ciclo inicia-se num período de calma após a Batalha de *M’bororé*, em 1641, e finda em 1680, quando é fundada pela coroa portuguesa a Colônia de Sacramento, representando “um fator determinante [...] pois significa a presença constante, e cada vez mais atuante de portugueses, desequilibrando a política, militar e economicamente a região” (OLIVEIRA, 2013, p. 160-161). A proximidade com a Província Jesuítica do Paraguai e a aliança estabelecida entre

¹⁰ Unificação das coroas espanhola e portuguesa entre o período de 1580 a 1640, após uma crise na sucessão dos tronos em Portugal, o rei espanhol Felipe II foi legitimado como herdeiro legítimo da coroa portuguesa. Em 1640, Portugal retoma o poder sobre a coroa, nomeando o português Dom João IV como rei.

portugueses e tribos nativas inimigas dos Guarani suscitam em novas tentativas de ataques.

Segundo Kern (1982, p. 111), “gradualmente os jesuítas foram introduzindo novas formas artísticas, novos rituais, uma economia mais produtiva e uma nova organização política” nos moldes ocidentais e católicos, alcançando o ápice com as reduções. Pois “Organizando e orientando a defesa, os jesuítas foram vistos e admirados pelos indígenas como seus protetores. Dessa forma, a redução aos poucos foi sendo aceita” (BOFF, 2005, p. 70). Começa, então, o terceiro e último Ciclo Missioneiro, período que compreende o desenvolvimento e fim dos Trinta Povos das Missões (Figura 2), de 1680 a 1768.

Figura 2 – Os Trinta Povos das Missões



Mapa 4. Las Misiones

Fonte: Portal Guarani, [s.d.], doc.eletr.¹¹ Acesso em: 24 ago. 2018.

¹¹ Disponível em:

<http://www.portalguarani.com/2462_richard_alan_white/17897_la_primera_revolucion_popular_en_a_merica_paraguay_1810__1840__por_richard_alan_white.html>. Acesso em: 24 ago. 2018.

Os Trinta Povos das Missões, até então instalados no lado oeste do Rio Uruguai, recebem a seguinte incumbência da coroa espanhola que ordena

[...] aos jesuítas a fundação de novas Reduções que constituíssem uma área-tampão circunscrita na margem esquerda do rio Uruguai, abandonada desde 1640. A partir daí, são estabelecidos os chamados Sete Povos da Banda Oriental entre 1682 e 1707: São Francisco de Borja (1682), São Nicolau, São Miguel Arcanjo e São Luís Gonzaga (1687), São Lourenço Mártir (1691), São João Batista (1697) e Santo Ângelo (1707). (THIELKE, 2014, p. 29).¹²

É importante ressaltar que antes desse encontro de culturas, os Guarani já possuíam uma “estrutura organizacional definida” e que foi alterada pelo sistema reducional, de onde passaram “do estágio de guarani-indígena para o de guarani-missionário” (SERRES, 2014, p. 1577). A entrada dos nativos nesses espaços não significa a abstenção de sua cultura, pois é possível identificar alguns traços inseridos nos espaços reducionais.

Tendo isso em mente, entremos agora nos complexos urbanos e na vida dos Trinta Povos. As reduções compunham um sistema integrado, próximas umas as outras e isoladas do resto do mundo, instaladas em condições climáticas e topográficas semelhantes (CONDE, 2016). Custódio (2006) propôs a divisão da redução em dois conjuntos, denominada de tipologia urbana missionária: um para os padres, onde viviam e realizavam as atividades religiosas bem como os trabalhos das oficinas. Localizava-se no ponto mais alto, a fim de ter visão e controle de todo o entorno e do segundo conjunto, pertencente aos indígenas. As edificações desse conjunto eram muito mais baixas, com duas vias principais que convergiam para a praça em frente à igreja.

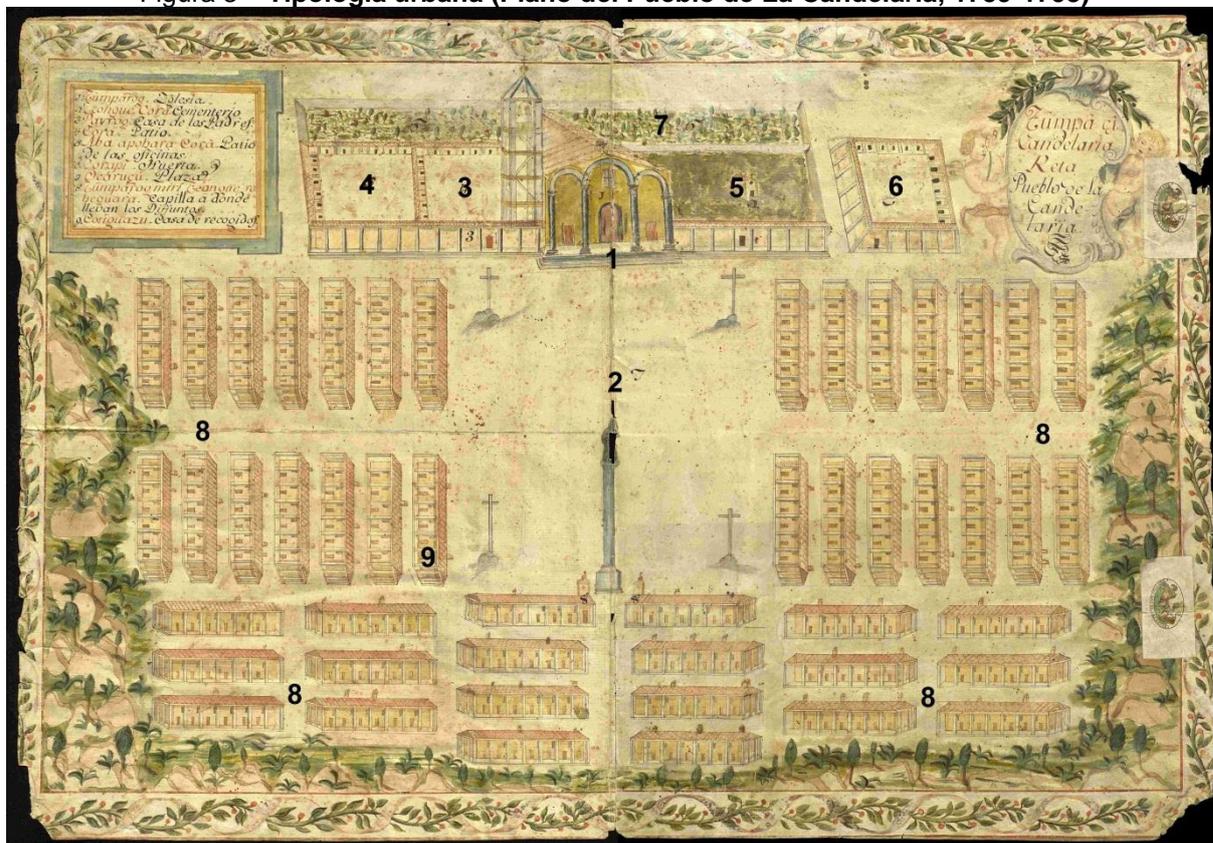
Todos os povoados seguiam um padrão urbanístico determinado pelas *Leyes de Indias*¹³, onde as quadras eram projetadas de maneira perfeitamente geométrica e regular, como pode ser vista na iconografia da redução de Nuestra Señora de La Candelaria (Figura 3), considerada a polis ideal. No que tange a vida cotidiana, Custódio afirma que “era extremamente ritualizada, organizada por diferentes

¹² São Nicolau, São Miguel e São Luis são produtos da primeira ocupação da região do Tape, já as demais foram originadas a partir do crescimento populacional de outras reduções do lado oeste do rio Uruguai, com exceção de São João Batista, que provem de São Miguel. O número limite de habitantes por redução era de seis mil indígenas para dois padres.

¹³ Conjunto de nove leis estabelecidas pela coroa espanhola para regular a vida social, política e econômica de espanhóis e de indígenas no Novo Mundo. Mais informações disponíveis em: <<http://www.historiadelnuevomundo.com/index.php/2018/02/las-leyes-nuevas-de-indias-de-1542/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

atividades de padres e índios, ordenadas, de dia, pelos diferentes toques dos sinos, e de noite, pelos tambores dos vigias” (2007, p. 72). Todos cumpriam um papel dentro daqueles espaços bem delimitados.

Figura 3 – Tipologia urbana (Plano del Pueblo de La Candelaria, 1759-1793)



Fonte: Conde, 2016, adaptado pela autora, 2018.

Legendas: 1 - Igreja; 2 - Praça; 3 – Claustro e colégio; 4 - Oficinas; 5 - Cemitério; 6 - Cotiguaçu; 7 - Quinta; 8 - Moradias indígenas; 9 - Cabildo.

A igreja era a razão de toda a redução e, evidentemente, seria a maior e mais imponente edificação do complexo, para onde todo o resto convergia. As missas eram realizadas na língua nativa a fim de aproximarem-se dos índios (SOSTER, 2014), ou eram, ainda, inteiramente cantadas, uma vez que a música estava profundamente ligada à religiosidade nas práticas indígenas (MARTINS; POMPA apud BAPTISTA, 2015).

A decoração interna da igreja era colorida com pinturas que representavam “a vida dos santos, gênese, evangelho e apocalipse” (BAPTISTA, 2015, p. 46). As esculturas dos santos eram colocadas em retábulos banhados em dourado, confeccionados nas próprias oficinas e os pilares eram produzidos pelos próprios índios, adornados com cachos de uva e flores (BAPTISTA, op. cit., p. 46). Possuíam portas nas laterais que ligavam os demais aposentos do primeiro conjunto, de um

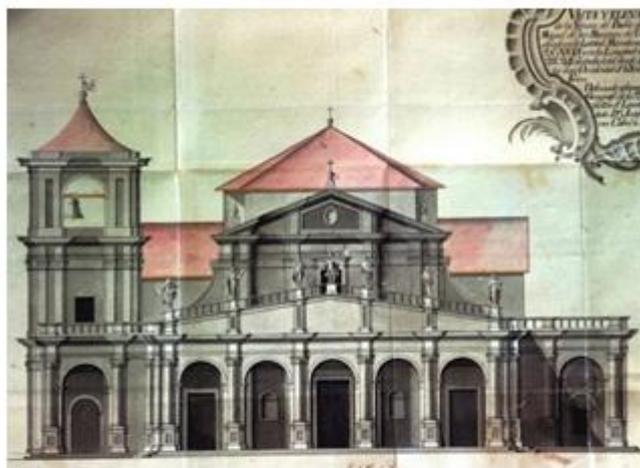
lado o cemitério e do outro o claustro. A estrutura era composta por espessas paredes de alvenaria de pedras e adobe, que recebiam por fora uma pintura esbranquiçada, para depois ser recoberta por pinturas (Figura 4). Das igrejas, somente as de São Miguel e de Trindade foram construídas praticamente em sua totalidade por pedras, apresentando características diferenciadas das demais (Figura 5).

Figura 4 – Igreja de São João Batista



Fonte: Custódio, 2017.

Figura 5 – Igreja de São Miguel



Fonte: Custódio, 2017.

A praça era o centro das vivências sociais, em que

Ao modo das aldeias indígenas e cidades espanholas, o espaço ao centro do agrupamento é destinado às manifestações ritualísticas. Ali giram procissões, realizam-se atos públicos e seus ensaios, reuniões coletivas, treinamento do exército e aplicações de castigos masculinos. Também é na praça que se encontram as danças, um tablado para peças teatrais, jogos e demais divertimentos eventualmente realizados. (BAPTISTA, 2015, p. 183).

A sombra da igreja cobria a praça, que variava de acordo com o tamanho dos habitantes do povoado, demarcadas com cruzeiros nas extremidades (ver Figura 3). Ali ocorriam procissões, onde os indígenas carregavam imagens dos santos e percorriam um caminho colorido e enfeitado até a igreja.

Ao lado da igreja estava localizada a casa dos padres, ou o claustro. Nas primeiras reduções eram realizadas diversas funções nesse espaço, mas que devido às ameaças – de bichos, do frio, das mulheres indígenas – foi aos poucos sendo

substituído por moradias seguras, confortáveis e de acesso restrito. Ali também funcionava o colégio, portanto, apenas professores indígenas e crianças do sexo masculino poderiam percorrer pelo pátio central.

Um conjunto de seis ou cinco aposentos garante a existência de espaços específicos: além dos quartos – incluído o de hóspedes –, despensa, uma adega subterrânea, um guarda-roupa (não apenas destinado às vestes dos padres, mas também das principais lideranças e fantasias das crianças), biblioteca, sala de armas (“bocas de fogo”, arcos e flechas permanecem aos olhos dos padres), prováveis banheiros e cozinhas (chamadas de “anterrefeitório”), geralmente abastecidos por canalização d’água. Uma portinhola possibilita aos cozinheiros indígenas a passagem dos alimentos ao refeitório dos padres, quando se evita qualquer contato físico durante as refeições. (BAPTISTA, 2015, p. 37).

Segundo Baptista (2015), os padres acreditavam que os adultos influenciavam negativamente as crianças com seus costumes errados aos olhos da igreja, tais como a antropofagia e o infanticídio. Aos cuidados dos padres e isolados das famílias, receberiam educação e atingiriam o ideal missional. Alguns de seus afazeres incluíam a limpeza do primeiro conjunto e a vigilância de práticas ilícitas feitas pelos indígenas, mas, evidentemente, as principais funções eram ligadas à igreja e a fé cristã.

Sabendo da importância da música e da dança para os Guarani, os padres organizavam coros e ensinavam as crianças a formarem “orquestras com violinos, harpas, violões, trombetas, cornetas e até mesmo órgãos, boa parte deles fabricados pelos homens das oficinas” (BAPTISTA, 2015, p. 73). Mais tarde a música seria ensinada por professores indígenas.

O prédio das oficinas, anexo ao claustro, na verdade, compreendia muito mais do que os limites da edificação. As oficinas se estendiam por todos os locais em que se encarregava a produção de materiais, como nas ferrarias e marcenarias, e de alimentos, como açougues e moinhos (SNIHUR, 2007), incluindo a estância, mais afastada, com a criação de gado. Era um ofício honroso e “nobre” (HAUBERT apud BOFF, 2005), em que apenas indígenas seletos participavam, somente os “que demonstravam maior habilidade no trato com a madeira, os filhos de caciques e cabildantes” (THIELKE, 2014, p. 56). Tal como na escola, somente homens poderiam participar das atividades.

A confecção de artefatos como flechas e cestarias esteve presente desde sempre na vida dos Guarani, e de fato as habilidades manuais foram muito elogiadas pelos padres, sendo consideradas essenciais “ao andamento e

desenvolvimento material dos povoados” (BAPTISTA, 2015, p. 58), ainda que o valor da produção se restringisse àquelas que seguissem os padrões europeus. Cabe aqui o destaque para as oficinas de arte (Figuras 6 e 7), onde tudo que se produzia “de escultura, de pintura e de instrumentos musicais era para o embelezamento dos templos sagrados” (BOFF, 2005, p. 119). Inicialmente os jesuítas ensinavam aos indígenas as técnicas e como usar as ferramentas, que com o tempo foram aprimorando e se qualificando até que pudessem eles próprios ensinar os aprendizes. Havia uma troca de objetos entre as reduções, uma vez que cada uma se especializava num item (Idem, p. 130).

Figura 6 – Afresco da Capela de Nossa Senhora do Loreto



Fonte: Boff, 2005.

Figura 7 – São João Batista Menino

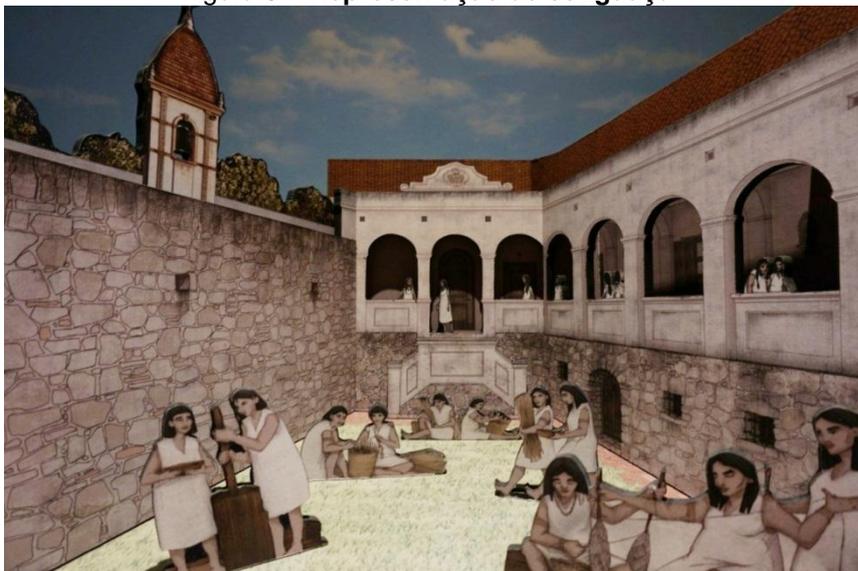


Fonte: Ahlert, 2013.

O cemitério era instalado do outro lado da igreja, uma das últimas estruturas a serem desenvolvidas na história das reduções. O motivo foi a disparidade no entendimento sobre a morte entre jesuítas e nativos, pois cada grupo indígena possuía suas próprias tradições fúnebres, a exemplo de usar “jarros de barro como mortalha” e “enterrar seus membros no interior das próprias habitações ‘para tê-los por perto’” (BAPTISTA, 2015, p. 50). Aos poucos entraram em um acordo em que certas práticas foram adaptadas por ambas as partes. No fim, os indígenas eram enterrados de acordo com idade e gênero (MAEDER, GUTIÉRREZ apud SOSTER, 2014). Atrás de todo o complexo ficava a quinta, uma área murada onde se plantavam mudas trazidas da Europa, pomares e hortas, decorrência dos primeiros períodos reducionais, onde a comida era escassa e o cultivo foi a saída encontrada para o sustento dos habitantes.

No que diz respeito à presença das mulheres nas reduções, cabe mencionar que, inicialmente, elas eram consideradas ameaças pelos padres, principalmente pelo “tratamento dado pelos jesuítas à temática sexual” (BAPTISTA, 2015, p. 82), e a solução seria o completo isolamento das mesmas. No entanto, a percepção do papel da mulher na sociedade Guarani era muito diferente, desempenhando “papéis fundamentais e longe estão de serem tomadas como inferiores” (Idem, p. 78), o que acarretou em mudanças na estrutura reducional. É inserido nesse complexo, então, o cotiguaçu (Figura 8), ou casa das recolhidas, em que habitavam as mulheres de todas as idades e em condições de vulnerabilidade, como as viúvas, as órfãs, ou mesmo as esposas cujos maridos estavam afastados do povoado temporariamente (ROSSI, 2011).

Figura 8 – Representação de cotiguaçu¹⁴



Fonte: Da autora, 2018.

As mulheres recolhidas ficavam, então, sob a tutela dos padres, numa “edificação cercada por muros, formando um pátio interno para a qual se abriam os cômodos” (SOSTER, 2014, p. 47). Assim como nas oficinas, também realizavam trabalhos manuais e eram vigiadas pela diretora do cotiguaçu. Na missa, ocupavam um lugar especial na igreja (BAPTISTA, 2015).

No segundo conjunto ficavam as moradias indígenas, constituindo a maior parte do espaço reducional. Todas as casas eram feitas nas mesmas medidas, mas as mais próximas à praça eram concedidas aos caciques e suas famílias (SNIHUR,

¹⁴ Imagem em exposição no Centro de Interpretación de San Ignacio Miní.

2007). Mediam em torno de um quarteirão e seus materiais eram muito mais frágeis que os do primeiro conjunto, de adobe, madeira e palha.

A estrutura familiar dos indígenas também era diferente do aceitável aos olhos de Deus, em que todos viviam juntos, confundindo os padres sobre “quem era quem”. Adotaram-se repartições nas casas por cômodos para que os membros da família ficassem divididos de acordo. Além disso, os jesuítas consideravam as habitações indígenas anteriores às reduções muito precárias e insalubres, com muitos animais e fogueiras que tornavam o calor “infernai” (BAPTISTA, 2015). No entanto, esses costumes foram mantidos pelos Guarani nas novas residências. Ainda que preservassem maior parte das características estruturais, “passam a ser encontrados no interior das casas indígenas elementos até então inexistentes” (Idem, p. 105), como figuras de santos e outros símbolos do cristianismo que as configuram como casas missionais.

Por fim, o cabildo estava localizado numa casa em frente à praça de mesmas características arquitetônicas das moradias (CUSTÓDIO, 2002). Antes da idealização das reduções, os indígenas viviam em comunidades, num senso de reciprocidade, onde se elegiam caciques como líderes do grupo para tratar e auxiliar no contato com outras etnias, por exemplo. O primeiro contato dos jesuítas foi, portanto, para com os caciques, que foram considerados como autoridade aos olhos ocidentais, uma vez que através deles as comunidades solicitavam abrigo no período conturbado das *encomiendas* (KERN, 1982). Esse formato organizacional foi aplicado às reduções, num conselho administrativo coordenado pelos caciques para dar conta das questões políticas, militares e econômicas,

[...] que se estabelecia sobre a “coisa de Deus” – Tupambaé – terras coletivas que deveriam ser cultivadas pelos homens de cada Redução, e sobre a “coisa do homem” – Amambaé – pequena roça destinada ao cultivo de produtos agrícolas de cada família em específico (THEILKE, 2014, p. 36).

Esse acordo administrativo era vantajoso aos caciques, que mantinham sua posição hierárquica estabelecida entre a comunidade indígena, mas principalmente aos padres, pois havia somente dois por redução, um encarregado precisamente das atividades religiosas, e outro da gerência do complexo (CUSTÓDIO, 2017; ROSSI, 2011). Os caciques eram eleitos através de votação e cumpriam o mandato pelo período de um ano.

Esses eram os principais espaços que compunham as reduções e que, como foi possível observar, demonstram a desenvoltura e as relações entre indígenas e jesuítas, além da complexidade social e política. Cabe destacar que a Província Jesuítica do Paraguai teve “uma atuação importante na história da região platina tanto na cristianização dos indígenas como através de atividades pedagógicas” (OLIVEIRA, 2013, p. 159). Ainda naquele período, a economia da Província do Paraguai era baseada primordialmente na agropecuária através da “exploração do trabalho indígena submetido ao regime encomendeiro, o que tornava as reduções jesuíticas em uma opção de libertação para os guaranis” (SNIHUR, 2007, p. 169), causando um descontentamento por parte dos colonizadores em relação ao sucesso reducional.

Em 1750 foi assinado o Tratado de Madrid, que tinha como um dos propósitos reajustar os limites de território pertencentes às coroas ibéricas nas Américas. Dessa forma, a Colônia de Sacramento seria concedida à Espanha, e a região do leste do rio Uruguai ficaria sob domínio de Portugal. Dessa forma, foi solicitado aos jesuítas da Companhia de Jesus que deixassem as reduções dos Sete Povos da Banda Oriental e se deslocassem para o lado espanhol. As novas ordens não foram aceitas pelos indígenas, que se recusaram a sair de seu território, obrigando as coroas ibéricas a se unirem para forçar sua retirada, e em 1754 inicia a chamada Guerra Guranítica, que durou aproximadamente dois anos.

Durante esse episódio, os próprios índios destruíram alguns povoados para impedir a entrada de tropas luso-espanholas, como aconteceu em São Lourenço ou São João Batista, por exemplo. Depois dessa Guerra os povoados foram ocupados pelas tropas luso-espanholas para a demarcação da nova fronteira. (OLIVEIRA, 2013, p. 161).

Em 1768, os jesuítas são expulsos da Província do Paraguai pela coroa espanhola, acusados de suscitarem a rebelião e auxiliarem os Guarani na defesa imprópria dos territórios. Quanto aos Guarani, a experiência reducional marcou profundamente seus modos de vida, transformando-os em uma comunidade urbana. Os que conseguiram fugir, ao fim da Guerra Guranítica, levaram consigo alguns pertences, e graças a isso é possível encontrar alguns elementos da cultura material daquela época (SOSTER, 2014) preservados em instituições museológicas.

Com o fim da Guerra Guranítica e a retirada dos jesuítas, chegam ao fim as atividades que originaram os Trinta Povos das Missões. Contudo não seria possível

afirmar que a presença dessa trajetória se limita apenas às ações de jesuítas e Guarani, posto que os vestígios dessa história são considerados patrimônio e a preservação dos sítios arqueológicos possibilita que essa história não se perca ou não venha a cair no esquecimento.

3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E SEUS MUSEUS: preservação e representação

Através da documentação e trocas de cartas entre jesuítas à coroa espanhola, tornou-se possível o estudo histórico da experiência reducional. A organização dos povoados reducionais despertou o interesse de muitos pesquisadores e viajantes, que aos poucos foram afirmando o valor desses espaços e intencionando-os à preservação.

Parte do complexo sistema em que se consistiam as reduções jesuíticas resistiram a todas as adversidades, como guerras, incêndios e a ação do tempo e, quase dois séculos depois, as ruínas mais bem preservadas são consideradas patrimônios nacionais pelos respectivos Estados¹⁵ em que se localizam e, alguns anos mais tarde, listados como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)¹⁶.

Conforme apontou Dominique Poulot,

O patrimônio define-se, ao mesmo tempo, pela realidade física de seus objetos, pelo valor estético – e, na maioria das vezes, documental, além de ilustrativo, inclusive de reconhecimento sentimental – que lhes atribui o saber comum, enfim, por um estatuto específico, legal ou administrativo. Ele depende da reflexão erudita e de uma vontade política, ambos os aspectos sancionados pela opinião pública; essa dupla relação é que lhe serve de suporte para uma representação de uma civilização, no cerne da interação complexa das sensibilidades relativamente ao passado, de suas diversas apropriações e da construção das identidades (POULOT, 2009, p.13).

Portanto, o patrimônio só é considerado como tal quando há identificação e desvelo por parte social e, principalmente, no caso específico das reduções jesuítico-guarani, num âmbito político, pois é a partir da legitimação por parte deste que as ruínas começam a ser preservadas. Desse modo, o bem material passa a ser patrimônio através da valorização, ou seja, tem seu alicerce numa construção social.

Aquilo que é ou não é patrimônio, depende do que, para um determinado colectivo humano e num determinado lapso de tempo, se considera socialmente digno de ser legado a gerações futuras. Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objectos que conferem a um grupo um sentimento colectivo de identidade. Neste sentido, toda a construção patrimonial é uma representação simbólica

¹⁵ Em âmbito nacional, as ruínas de São Miguel foram tombadas em 1938 no Brasil, e as ruínas de San Ignacio Miní foram tombadas em 1943 na Argentina.

¹⁶ Ambos os sítios foram listados como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1983.

de uma dada versão da identidade, de uma identidade “manufacturada” pelo presente que a idealiza (SILVA, 2000, p. 218-219).

As missões são “terra de fronteira que ultrapassa a territorialidade dos marcos nacionais. É paisagem de memória de que remete a registros no tempo” (PESAVENTO, 2007, p. 51). Tratam de uma história no tempo em que as divisões territoriais eram configuradas de maneira unitária, mas que devido à separação pelas delimitações de fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil, acabam, por conseguinte, subordinadas à administração política de cada nacionalidade. Consequentemente, as motivações para a preservação dos patrimônios respaldam-se principalmente na construção de uma identidade nacional, ainda que a cultura material remanescente dos Trinta Povos das Missões seja integrante de uma identidade transnacional, ou seja, que ultrapassa as fronteiras territoriais estabelecidas.

Para nos aproximarmos um pouco mais dos objetos de estudo desse trabalho, serão aprofundadas neste capítulo as ações de preservação realizadas nas ruínas de São Miguel Arcanjo, que “mantem a igreja melhor conservada”, e de San Ignacio Miní, que apresenta o “traçado urbano da missão” mais completo (SOSTER, 2014, p. 95).

A preservação desses espaços está justaposta em níveis que vão desde o individual ao mundial, que se iniciam a partir da década de 1930 nos respectivos países constituintes das antigas reduções, num período em que o discurso de preservação era aplicado somente aos monumentos de caráter excepcional, seja pela estética ou pelos fatos históricos únicos ocorridos no local. Por isso, torna-se essencial analisar as motivações e intencionalidades da época e como isso se reflete até hoje nas atuais conjunturas dos sítios arqueológicos.

De acordo com Scheiner, o “passado projeta-se no presente, sob a forma de representações mentais e sensoriais, contribuindo para a formação de ‘cenários’ onde o indivíduo se coloca como observador e/ou como personagem” (2006, doc. eletr.). O homem traduz o que é real através de interpretações do mundo que se exteriorizam nas imagens, na escrita e nas diversas formas de expressão de seus valores culturais (PESAVENTO, 2006).

É importante lembrar que tanto a História como os museus operam com releituras do real, através da memória; e que as diferentes figurações da História, promovidas pelos museus, dependem intrinsecamente das

relações que cada museu estabelece com a memória e com a História, em cada tempo, em cada lugar (SCHEINER, op. cit., doc. eletr.).

O conceito de representação não pode mais ser desvinculado do estudo da história, da mesma forma que não pode ser desvincilhado dos museus, definidos por Scheiner (2002, p. 96) como “agências de representação sócio-cultural”. Dessa forma, tão importante quanto trazer uma perspectiva sobre como se deram os processos de legitimação do patrimônio que compõe os sítios arqueológicos de São Miguel e San Ignacio Miní, é compreender as intencionalidades que resultaram na criação de museus dentro desses locais, pois o discurso da instituição refletirá nas narrativas das exposições museológicas. Portanto, também cabe a este capítulo apresentar alguns aspectos históricos sobre o contexto de criação do Museu das Missões e do Museu Jesuítico de San Ignacio Miní, levando em consideração o contexto de criação, musealização de objetos e primeiras exposições. As exposições atuais de longa duração serão analisadas a fundo no próximo capítulo.

3.1 Os sítios arqueológicos: do abandono ao patrimônio

Conforme observado no segundo capítulo deste trabalho, muitos dos espaços reducionais foram incendiados e destruídos pelos próprios habitantes numa tentativa de resistência durante a Guerra Guaranítica. Após a retirada dos jesuítas e dos Guarani, “as reduções perdem a unidade como conjunto, [...] e cada redução se transforma em uma ‘missão diferente e autônoma’ das demais” (DIECKOW, 2003, p. 52-53, tradução nossa), principalmente porque o território em que se compreendia os Trinta Povos é dividido em três a partir da formação dos Estados Nacionais.

Deixados para trás, o que um dia foi um completo plano urbanístico ficou a deriva das intempéries do tempo, do alastramento da vegetação e dos animais. Nessa ótica de abandono, conforme afirma Baptista, “as antigas estruturas missionais se destacam não pelo que *são*, mas pelo que *foram*” (2015, p. 125, grifo do autor), pois principalmente a partir do início do século XIX, muitos viajantes de diversas localidades do mundo embarcam em expedições na região do que foram os Trinta Povos em busca dos remanescentes das reduções jesuíticas.

A imagem do arruinamento dos povoados missionais é um dos maiores incentivos à ideia de que eles estavam absolutamente abandonados no

século XIX. Os remanescentes, todavia, não perdem a vida humana ou no seu interior, ou em sua volta (BAPTISTA, op. cit., p.132).

Novos habitantes se instalam nas redondezas, iniciando um novo ciclo populacional. Os devotos do cristianismo, ao encontrarem os remanescentes nas reduções compostos por litúrgicas, esculturas, entre outros objetos de certo valor comercial, acabaram por dar um novo destino a esses artefatos, conforme lhes parecesse justo. Alguns foram saqueados e vendidos, outros resguardados em depósitos, outros ganharam novos lares nas casas e igrejas das redondezas, ou, ainda, cruzaram mares com os viajantes que por ali passaram (Idem, p. 166-167). Assim, também ocorre com parte das estruturas de pedra, que foram sendo arrancadas e comercializadas para a construção de novas residências. Desse modo, pouco a pouco as reduções vão sendo consumidas, ao ponto de restar apenas

[...] sete na Argentina (San Ignacio Miní, Santa Ana, Loreto, Santa María la Mayor, Yapeyú, San Carlos, Apóstoles); quatro no Brasil (São Nicolau, São Miguel, São Lorenzo, São João) e sete no Paraguai (Trinidad, Jesús, San Ignacio, Santa María de Fe, San Cosme y Daminán, San Santiago e Santa Rosa) (STEFANO apud SOSTER, 2014, p. 85).

Jackson (1980), rememorado por Pesavento (2007, p. 51), reitera que para que um monumento se torne ruína “deve haver um hiato – um íterim de morte – entre um estado anterior, de uma vida efetiva, seguido de destruição e o momento em que a ruína renasça como paisagem, trazida pela renovação e pelo restauro”. Dessa maneira, os monumentos decaídos pressupõem a lembrança de um passado jazido e, de certa forma, romantizado pela nostalgia. São vestígios que servem como sinais, como provas utilizadas para o estudo de uma sociedade, pois eles dizem muito sobre vidas e experiências de um tempo passado.

É necessário perpassar por alguns conceitos para entender o caminho entre ruína e patrimônio. Segundo Lima (2012, p. 34), a preservação dos bens é legitimada através da patrimonialização, isto é, o reconhecimento das partes sobre o valor cultural de um bem enquanto representante de um grupo social ou de um fato histórico. Como consequência, há o desejo da conservação, que “consiste em proteger o bem de qualquer efeito danoso, natural ou intencional, com intuito de não só mantê-lo no presente, como de permitir sua existência no futuro, ou seja, de preservar”. Esses conceitos consistem num círculo de relações de valoração por

parte tanto dos grupos que se identificam com tais bens, quanto dos órgãos que concedem a titulação de patrimônio.

Na América Latina, é somente a partir da primeira metade do século XX que se lança um olhar mais cuidadoso em relação ao patrimônio, nesse período voltado principalmente para os bens edificados e monumentos, influenciados principalmente pela Carta de Atenas de 1931¹⁷, acordada pelo Escritório Internacional de Museus da Sociedade das Nações. O documento consiste nas primeiras recomendações oficiais e internacionais acerca da preservação, conservação, restauração e utilização de bens monumentais, sob a responsabilidade do Estado.

No Brasil, é no sentido da busca pelo nacionalismo que se cria o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)¹⁸, em 1937, regulamentando o tombamento de bens “cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (BRASIL, 1937). No mesmo ano, o arquiteto Lucio Costa foi convidado a conhecer os remanescentes dos Sete Povos das Missões e, reconhecido o potencial, realizou-se o tombamento das ruínas de São Miguel das Missões (Figuras 9 e 10) efetivamente em 1938. Até 1940 são realizadas obras de estabilização da igreja e dá-se início, também, à criação do Museu das Missões.

Segundo Loyola (2014), essa decisão do tombamento das ruínas de São Miguel pelo SPHAN também está imbricada em outra intencionalidade, a de atribuir à Guerra Guaranítica e a posse de terras do que hoje se compreende pelo território do Rio Grande do Sul, como um marco fundador da identidade nacional brasileira.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

¹⁸ Atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Figura 9 – Interior da igreja de São Miguel (1928)



Fonte: Acervo Digital do IPHAN, 1928, doc. eletr.

Figura 10 – Vista da fachada antes das obras (1937)



Fonte: Acervo Digital do IPHAN, 1937, doc. eletr.

Com as mesmas premissas, foi criada em 1940 a *Comisión Nacional de Museos, Monumentos y Lugares Históricos* (CNMMYLH), na Argentina. Essa comissão tinha como objetivo listar bens históricos e artísticos, classificar, administrar e preservar o patrimônio histórico-cultural da Argentina, no mesmo intuito

de reforçar o sentido de identidade nacional, bem como as raízes coloniais espanholas (LOYOLA, 2014), o que justificou o tombamento da redução de San Ignacio Miní (Figuras 11 e 12), em 1943.

A redução de San Ignacio já havia sofrido restauros antes do tombamento. Primeiro, a tentativa do arquiteto Mario Buschiazzo de recolocar algumas das pedras caídas numa época em que não havia recomendações e metodologias a respeito do tema, o que acarretou num resultado díspar das configurações originais. Entre 1941 e 1948 houve uma nova intervenção, dessa vez pelo arquiteto Carlos Onetto juntamente com uma equipe, que limpou a vegetação crescente por dentro das edificações e utilizou a técnica de anastilose¹⁹ para reincorporar as pedras entalhadas nas posições originais das ruínas.

Figura 11 – Igreja de San Ignacio Miní (década de 1940)



Fonte: Biblioteca Pública de las Misiones, 2006.

¹⁹ A técnica de anastilose propõe a recomposição dos elementos desmembrados de um monumento original, sem intervenção nem alteração das características originais do mesmo (ICOMOS, 1964).

Figura 12 – Cabildo de San Ignacio Miní (década de 1940)



Fonte: Biblioteca Pública de las Misiones, 2006.

Após alguns anos de trabalho, tanto as ruínas do lado brasileiro quanto do argentino foram restauradas, resultado da remoção da vegetação e da recolocação das pedras caídas em seus devidos locais de origem, preservando as características originais e sem intervenções por parte dos arquitetos, permitindo que dos remanescentes preservados se criassem os sítios arqueológicos que conhecemos hoje (Figura 13).

Se comparado ao plano modelo implementado pelos jesuítas (Figura 3), através da vista aérea das reduções de São Miguel e San Ignacio, é possível visualizar que a delimitação dos espaços dos antigos complexos urbanos se manteve preservada. Mesmo que grande parte das estruturas de pedra tenham se perdido, os desníveis de terreno auxiliam na visualização do traçado urbano.

Figura 13 – Sítios arqueológicos São Miguel e San Ignacio Miní



Fonte: Soster, 2014.

Legendas: 1 - Praça; 2 - Moradias indígenas; 3 - Cemitério; 4 - Igrejas; 5 - Quinta; 6 - Claustro; 7 - Oficinas; 8 - Cotiguaçu; 9 - Cabildo; 10 - Cadeia; 11 - Hospital.

De acordo com Soster (2014), a praça, espaço aberto e central da redução e que servia como palco para diversos atos ritualísticos, ainda mantém as funções originais: o vazio destaca a imponência da igreja e ainda serve como cenário para espetáculos noturnos para os visitantes: o Som e Luz em São Miguel²⁰ e o Imagem e Som em San Ignacio²¹. Por essa razão, as igrejas ainda são o maior destaque dos sítios. A de São Miguel (Figura 14) manteve a fachada mais completa de todas, permitindo a visualização da grandiosidade do templo, além de ser a única com ruínas do cotiguaçu. Já a Igreja de San Ignacio Miní (Figura 15) passou por um restauro onde os pisos originais foram recolocados, sendo possível visualizar as naves no interior.

²⁰ O espetáculo Som e Luz é uma atração artística do sítio arqueológico de São Miguel, consistindo numa narrativa da história das reduções jesuíticas através de uma estrutura de sons e luzes projetadas nos espaços centrais do sítio. Para saber mais, confira: <<https://www.saomiguel-rs.com.br/site/conteudos/2065-espetaculo-som-e-luz>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

²¹ O espetáculo Imagem e Som é uma atração artística do sítio arqueológico de San Ignacio Miní que narra a história das reduções. Possui tecnologia de imagem, em que atores virtuais são projetados nos espaços centrais do sítio. Para saber mais, confira: <<http://www.misionesjesuicas.tur.ar/espectaculo-de-imagen-y-sonido-en-san-ignacio-mini/>>. Acesso em: 18. Dez 2018.

Figura 14 – Igreja de São Miguel das Missões



Fonte: Da autora, 2018.

Figura 15 - Igreja de San Ignacio Miní



Fonte: Da autora, 2018.

É significativo pensar novamente nas ruínas como um sistema integrado, pois “A história de cada uma das reduções, quando vistas isoladamente ou em seus

agrupamentos ‘nacionais’, traduzem uma narrativa potencialmente diversa daquela que se poderia construir e quando vistas em sua ‘unidade’” (LOYOLA; KERBER, 2016, p. 47). Nessa perspectiva, foi criada na década de 1970 uma comissão entre os países dos originais Trinta Povos para fomentar o turismo e o desenvolvimento da região (SOSTER, 2014). No ano de 1991, a partir do acordo firmado através do Tratado de Assunção entre Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai, foi criado o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), que tinha como objetivo firmar alianças econômicas. Entendendo que o incentivo ao turismo regional também é uma fonte desenvolvimento econômico,

[...] busca-se também, agora, enfatizar o aspecto cultural do projeto integracionista, inclusive no tocante à preservação de certos bens – materiais e imateriais – considerados comuns ao bloco, entre eles o patrimônio dos chamados “Trinta Povos das Missões” (LOYOLA; KERBER, op. cit., p. 47).

Nesse sentido, em 1995 foi criado o Comitê Técnico do Patrimônio Cultural, desenvolvendo o Circuito Internacional das Missões, com rotas programadas que percorrem os sítios arqueológicos dos três países. Também é na esfera do turismo que se criam ações voltadas para as ruínas e sítios arqueológicos num contexto local, como a Rota Missões entre os municípios do noroeste do Rio Grande do Sul, que compreendem os Sete Povos, e a integração das reduções da província de Misiones, na Argentina, com a criação da Fundación Artesanias Misioneras

Segundo Bauer,

O processo de legitimação completa-se e identifica-se à medida que mais “títulos” de reconhecimento são conferidos a determinado bem. Isso implica não somente o aumento do valor de um bem em termos simbólicos, como também serve de “selo de qualidade” para outros processos que se baseiam no prestígio e em relações públicas (2006, p. 46).

Nessa perspectiva, adentremos no reconhecimento máximo de valorização dos bens patrimoniais, a nível mundial: a lista de Patrimônio da Humanidade. Essa titulação é concedida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), criada após a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de salvaguardar os sítios culturais e naturais espalhados pelo mundo. Em 1972 foi organizada a Conferência Geral²² da UNESCO para tratar da proteção “da destruição bens naturais e culturais que apresentem valor excepcional para a

²² Ocorrida durante os dias 17 de outubro a 21 de novembro de 1972, em Paris.

comunidade mundial” (WIDMER, 2008, p. 4), gerando a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial. A partir desse documento, entende-se por patrimônio cultural:

Os monumentos. – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 1972).

A Convenção de 1972 suscitou o Comitê do Patrimônio Mundial, responsável por inspecionar uma série de critérios aos quais os patrimônios candidatos ao título devem possuir, bem como as diretrizes operacionais para sua conservação. As ruínas argentinas de San Ignacio Miní, de Santa Ana, de Nuestra Señora de Loreto e de Santa Maria Mayor foram inscritas na lista de Patrimônio da Humanidade entre os anos de 1983 e 1984. Juntamente às vizinhas, as ruínas de São Miguel das Missões também foram incluídas, no mesmo item, definidas pela UNESCO como um patrimônio transnacional. É interessante destacar certo grau de ironia na união dos monumentos argentinos e brasileiro, uma vez que estes foram tombados a nível nacional justamente pela alusão às nações as quais foram convencionadas. As duas propostas foram unificadas para abranger as Missões da América do Sul (LOYOLA, 2014).

No que diz respeito aos critérios de valoração de um patrimônio, Bauer aponta que

A noção de excepcional universal implica universalidade de algo que não é comum, e nem poderia ser. Nesse raciocínio, o universal é acompanhado por uma exemplaridade exótica, porque não pode ser seguida, mas deve ser apreciada (e lembrada) por todos (op. cit., p. 47).

É nessa perspectiva que se dá o critério utilizado pela UNESCO para inserir as reduções na lista de Patrimônio da Humanidade, correspondendo a um “exemplo excepcional de uma tipologia de edifício, conjunto arquitetônico, tecnológico ou paisagístico que ilustre um período significativo da história da humanidade” (UNESCO, 2005). Portanto, as ruínas devem ser preservadas para a posterioridade

por seu caráter ímpar de arquitetura barroca, pela importância na construção da história da Argentina e do Brasil, e pelos esforços de implementação da fé católica através dos jesuítas na América do Sul.

Como já foi observado, o patrimônio faz sentido na medida em que é reconhecido pela sociedade da qual faz parte. Dessa forma, cabe ressaltar que a lista da UNESCO é controversa na medida em que patrimonializa bens de um valor mundial. De qualquer maneira, os sítios arqueológicos das reduções jesuíticas inscritos no inventário atraem diversos turistas que viajam o mundo em busca do passado jesuítico-guarani na América do Sul, beneficiando o desenvolvimento econômico da população que construiu suas cidades em volta desses espaços e integrando as demais cidades para criar redes de preservação e comunicação do patrimônio cultural regional, renovando constantemente as relações com a comunidade e com o presente. Então, mais do que eternizarem um passado histórico,

[...] seus compromissos são essencialmente com o presente, pois é no presente que eles são produzidos ou reproduzidos como categoria de objeto e é às necessidades do presente que eles respondem (MENESES, 2008, p. 94).

Conforme apontou Bauer, numa lógica museológica, a patrimonialização de bens pode ser analisada como a criação de uma coleção. De mesmo modo o museu, “este instrumento enunciador da cultura e da experiência humanas” (SCHEINER, 2006, doc. eletr.), cria coleções de objetos para se comunicarem. Mesmo as instituições de caráter histórico não devem ser engessadas no passado, mas sim serem ressignificados a partir das relações com o público.

3.2 Os museus nas ruínas: diálogos entre patrimônios

Tal como as organizações governamentais e comissões criadas para legitimar a patrimonialização de monumentos, os museus também desempenham um papel preservacionista enquanto responsáveis pela comunicação e exposição dos bens culturais para a sociedade, conforme aponta Cury (2002). Assim, o *status* de museu só existe quando a instituição cumpre o papel de meio de comunicação, do contrário seria apenas um depósito de objetos, guardados e esquecidos.

Esse caráter definidor do que significa ser museu passou por várias adaptações no decorrer do tempo, reflexo da mudança de pensamento das sociedades, da especialização de profissionais atuantes na área e, principalmente, do relacionamento que foi se estabelecendo entre as duas partes. No que diz respeito aos museus das Américas, a criação dessas instituições também é um fator determinante para a formação e legitimação de uma identidade nacional. Sobre essa transição de significados, Guimaraens (2005) aponta dois tipos de instituições: o museu templo e o museu fórum. O museu templo é a definição das instituições tradicionais, num

[...] viés cartesiano, no qual o aspecto subjetivo pudesse ser reconhecido, com as obras e objetos tendo sido organizadas em espaços determinados, que fazem com que as histórias da ciência e cultura sejam vistas como genealogias, construídas com posições fixas e itinerários exatos (GUIMARAENS, 2005, p. 11).

Nessa concepção, o museu templo apresenta as grandes conquistas das sociedades e da nação, de maneira monumental e etnocêntrica, como uma história oficial, educadora e sem questionamentos. Já o museu fórum “[...] é ali percebido como um elemento fragmentário, onde se realizam as representações culturais e políticas das relações que se estabelecem entre os diferentes grupos e categorias sociais” (GUIMARAENS, op. cit., p. 12). Diferentemente do templo, esse tipo se baseia na problematização e desconstrução das representações culturais arraigadas, criando uma “autoconsciência” dos discursos nas práticas museológicas.

Em concordância com a autora, Ramos (2004, p. 14) fala sobre a consciência crítica que se deve ter em relação ao museu enquanto agente comunicacional que “se orienta por determinada postura teórica”, que se reflete intrinsecamente na “seleção das peças que devem ir para o acervo e no modo de ordenar as exposições”. A consciência crítica apontada pelo autor revela a intencionalidade que a instituição atribui ao objeto, num ato desprovido de inocência.

Os conceitos que perpassam pelas exposições serão explorados com mais afinco no próximo capítulo, mas, para uma melhor contextualização da trajetória do Museu das Missões e do Museu Jesuítico de San Ignacio Miní, parece importante tecer alguns apontamentos que seguem a linha de pensamento dos autores acima citados.

As atividades exercidas dentro das instituições museológicas são voltadas, principalmente, para o diálogo que se estabelece com seu público, ou seja, os museus são agentes comunicacionais. Cury (2002) aponta duas posturas no modo de comunicar que os museus adotam, que estão em conformidade com os tipos de museu acima citados: a linha condutivista e linha interacionista. A primeira

[...] entende o processo de comunicação como a transmissão da mensagem pelo emissor para o receptor por um determinado meio. O emissor possui o domínio da situação e o receptor é o elemento passivo. O emissor detém o domínio da situação e o significado da mensagem. Nesta postura, a avaliação museológica permite que o emissor ajuste a mensagem e/ou reduza os ruídos de comunicação, permitindo uma melhor situação de recepção da mensagem (CURY, 2002, p. 59).

Enquanto que na postura interacionista “ambos estruturam e negociam o significado da mensagem” numa relação que se estabelece desde o princípio. Nessa concepção, o emissor envia a mensagem ao receptor que, nesse caso, “a interpreta a partir de sua síntese subjetiva a partir da singularidade que cada indivíduo representa” (CURY, op. cit., p. 59). A avaliação museológica acontece durante o processo, não apenas no final.

É importante destacar que essas categorias não são inseridas numa linha cronológica onde uma é a evolução da outra, pois elas existem em concomitância. Também é possível que as instituições que antes assumiam um discurso considerado tradicional venham a mudar de posicionamento. Essa é uma questão de postura enquanto instituição, não uma remodelação de coleções de objetos.

Diferentemente dos processos de preservação das ruínas de São Miguel e San Ignacio Miní, que se mostraram muito semelhantes, a criação do Museu das Missões e do Museu Jesuítico de San Ignacio Miní apresentam contextos bastante diferentes. Em detrimento das suas condições, a trajetória do Museu das Missões foi documentada desde o princípio e existem muitas pesquisas acadêmicas sobre a instituição nas áreas de História, Arquitetura, Museologia, entre outras²³. Já o Museu Jesuítico foi idealizado como uma exposição, não uma instituição museológica, sendo pensado como um complemento do sítio arqueológico e, portanto, não foram encontradas pesquisas acadêmicas que se aproximam especificamente do museu.

²³ Para saber mais sobre o Museu das Missões, confira BAUER (2006), EDELWEISS (2016), HAHN (2016), RODRIGUES (2015), THIELKE (2014).

A criação do Museu das Missões está intrinsecamente relacionada com a preservação das ruínas de São Miguel através da iniciativa do arquiteto Lucio Costa. Como já foi mencionado no capítulo anterior, em 1937, Costa realizou uma visita às ruínas, que ainda se encontravam em estado de abandono, redigindo ao SPHAN um relatório que continham informações sobre o estado de conservação da antiga redução, além da proposta de criação de um pequeno museu. De acordo com Bauer (2012), ao conceber o museu, a intencionalidade de Costa era de fazê-lo como um complemento à experiência do sítio, proporcionando ao visitante uma impressão aprimorada do que foram as missões.

Assim, ao invés de propor a “verdade histórica” por meio da recomposição total das estruturas [das ruínas], Lucio tece uma outra reordenação, indicando uma “intenção de verdade” ao reinterpretar o espaço sem preenchê-lo com estruturas sobre as quais não tinha certeza (BAUER, op. cit., p. 73).

Para tanto, o arquiteto selecionou objetos remanescentes que estavam ligados, principalmente, à religião, criando um vínculo com a igreja que se mantinha melhor conservada em relação ao resto do complexo jesuítico. As peças foram advindas de toda a região dos Sete Povos, por considerar as ruínas de São Miguel como um ponto de maior interesse. Segundo Pêsoa (2004, apud BAUER, 2012, p. 79), “O ‘museu’ deve ser um simples abrigo para as peças que, todas de regular tamanho, muito lucrarão vistas assim em contato direto com os demais vestígios”. Nesse sentido, é possível observar que o acervo (Figura 16) foi prioridade em relação ao edifício, que teve suas características físicas pensadas especialmente para acomodar as peças de modo que fossem integradas com o conjunto.

O arquiteto compôs um projeto de museu que dialogava diretamente com a ruína (BOTELHO et al., 2015), respeitando as características do entorno e inspirando-se nas antigas moradias indígenas da redução, foi construído um alpendrado com paredes em vidro para os objetos, onde o visitante poderia enxergar as ruínas dentro das três salas expositivas. Também foi construída a Casa do Zelador, anexa ao edifício expositivo, porém fechada para os visitantes (Figura 17). Tal como o nome sugere, o segundo edifício abrigava a moradia do zelador Sr. João Hugo Machado, responsável por adquirir a maior parte das peças que constituem o Museu das Missões através do recolhimento das imagens de cunho religioso que a

população foi levando para suas próprias casas e para capelas comunitárias (BAUER, 2006).

Figura 16 – Museu e casa do zelador vistos das ruínas (1941)



Fonte: São Miguel das Missões RS, [s.d.], doc. eletr.

O Museu das Missões foi inaugurado em agosto de 1941. No que tange à primeira exposição (Figura 17), nas palavras de Lucio Costa:

[...] para que os visitantes, geralmente pouco ou mal informados 'compreendam' melhor a significação das ruínas, sintam que já houve vida dentro delas [...], parece-me indispensável a organização de uma série de esquemas e mapas, além da planta de S. Miguel, acompanhados de legendas que expliquem de maneira resumida, porém clara e precisa, a história em verdade extraordinária das Missões (PÊSSOA, 2004 apud BAUER, 2012, p. 83).

Na parte externa do alpendre também foram expostos alguns objetos de tipologia e materialidade diferentes das esculturas sacras. Consistiam em peças maiores, compostas de partes das próprias estruturas edificadas de outras reduções (Figura 18).

Figura 17 – Recorte da primeira exposição (1941)



Fonte: São Miguel das Missões RS, [s.d.], doc. eletr.

Figura 18 – Exposição de objetos no exterior do museu (1941)



Fonte: São Miguel das Missões RS, [s.d.], doc. eletr.

A partir dessa colocação é possível entender a exposição num processo educativo e didático onde o emissor, que detém o conhecimento máximo, transmite a mensagem ao leigo. Os objetos expostos foram entrelaçados em esquemas de textos e mapas, conduzindo o visitante ao aprendizado sobre as reduções. Desde esse primeiro momento, a exposição do Museu das Missões passou por algumas adaptações e reconfigurações, mas, se comparado à exposição permanente atual, verifica-se que ambas apresentam similaridades, conforme será apresentado no capítulo seguinte.

Essa breve contextualização histórica se faz importante para compreender a escolha da aquisição dos acervos, a missão da instituição e os caminhos desencadeados a partir da tomada de decisões desde o princípio. Avançando no tempo algumas décadas, alguns dados atuais são relevantes de serem apontados. Desde 2009, os museus que eram de responsabilidade do IPHAN passam a serem geridos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que se encarrega do Museu das Missões. Dessa forma, o sítio arqueológico e o museu passam a responder a diferentes autarquias.

Os espaços edificados que compõem o Museu das Missões se mantêm os mesmos, tendo o alpendre sido renomeado para “Pavilhão Lucio Costa”, em homenagem ao idealizador, onde se encontram as três salas expositivas e a “Casa do Zelador”, que abriga o setor administrativo e a reserva técnica do museu. Desde 2006, a instituição tem como missão:

Pesquisar, documentar e divulgar a experiência histórica missioneira, através de um pensamento crítico sobre as relações entre patrimônio cultural, arte, história e memória, estimulando na população local a reflexão sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da região missioneira do Rio Grande do Sul (Plano Museológico Museu das Missões, 2011 apud RODRIGUES, 2015, p. 53).

A coleção de objetos foi ampliada, mas o destaque se manteve sobre a arte sacra. O acervo

[...] é formado por cinco artefatos de metal, oitenta e cinco esculturas religiosas de madeira e arenito, cinquenta e um fragmentos de madeira, quarenta e um fragmentos arquitetônicos de arenito e madeira, duas peças arqueológicas de cerâmica e aproximadamente cento e cinquenta documentos em suporte de papel (BOTELHO et al., 2015, p. 45).

Em abril de 2016, a cidade de São Miguel foi atingida por um tornado que destruiu grande parte do Museu das Missões²⁴ (Figura 19). O edifício foi destelhado, as paredes de alvenaria e de vidro das salas expositivas foram derrubadas e o acervo foi comprometido pelo vento e pelos estilhaços. Após mais de um ano de intenso trabalho de recuperação tanto do edifício quanto do acervo, com auxílio do IBRAM, o museu reabriu as portas no dia 29 de setembro de 2017 (Figura 20). Uma nova proposta foi a sala de restauro em uma das antigas salas expositivas, em que os visitantes podem observar o trabalho dos profissionais através das paredes de vidro.

Figura 19 – Museu das Missões atingido pelo tornado (2016)



Fonte: IPHAN, 2016.

Figura 20 – Museu das Missões reaberto (2017)



Fonte: IPHAN, 2017.

²⁴ Foram publicadas algumas reportagens sobre os estragos do Museu das Missões. Para mais informações, disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,ibram-avalia-danos-provoados-por-tornado-ao-museu-das-missoes,1861212>>; <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1442295>. Acesso em: 13 set. 2018.

Cruzando a fronteira para o lado argentino, o Museu Jesuítico foi criado numa proposta diferente do Museu das Missões. Algumas considerações são necessárias de serem feitas antes de abordar o histórico do museu: é importante salientar que o objeto de estudo desta pesquisa é a exposição permanente de objetos tridimensionais remanescentes das reduções argentinas, organizada e desenvolvida entre os anos de 2005 e 2007. O edifício na qual a exposição foi instalada inicialmente é chamado de *Centro de Interpretación*, que hoje abriga uma exposição diferente. A nomenclatura Museu Jesuítico de San Ignacio Miní foi estabelecida pelos visitantes do sítio arqueológico para se destacar da nova exposição do *Centro de Interpretación*, contudo, segundo Sansoni (2018, doc. eletr.), ele não pode ser caracterizado como um museu pelo fato de não ser gerenciado como tal, pois a organização e conservação das peças fica a cargo do Centro Aletheia²⁵.

Em frente ao portão de entrada e da bilheteria do sítio arqueológico de San Ignacio Miní está localizado o prédio da antiga *escuela del pueblo* (Figura 21), que a partir de 1987 passou a abrigar o *Centro de Interpretación*, inaugurando a primeira exposição de objetos relacionados ao tema reducional, integrando-o no parque. Há poucas informações acerca desse período, mas sabe-se que a exposição ocupava todas as nove salas do prédio. Alguns dos objetos incluíam uma maquete elaborada por Hugo E. Vieira, Juan A. Hedman e Laura R. Hedman, bem como a obra de Luis Felipe Noé, intitulada “Misiones Naturaleza e Historia”, ambas se encontram na exposição que será aprofundada no capítulo seguinte.

²⁵ Iniciativa privada argentina que funciona desde 2003, com profissionais multidisciplinares que trabalham na oferta e execução de projetos relacionados à apropriação patrimonial. Para saber mais, disponível em: <<https://patrimoniocentroaletheia.wordpress.com/>>. Acesso em: 14 set. 2019.

Figura 21 – Centro de Interpretación de San Ignacio Miní



Fonte: Da autora, 2018.

De acordo com Sansoni (2018, doc. eletr.), a primeira exposição se manteve idêntica até o ano de 2005, quando o governo nacional da Argentina dá início ao processo de recriação dos espaços expositivos através da criação do *Taller de Capacitación en Centros de Interpretación*.

O projeto de criação do novo *Centro de Interpretación de la Misión Jesuítica de San Ignacio Miní* foi conciliado com uma oficina de capacitação, para que os participantes, escolhidos por concurso de antecedentes, pudessem exercitar suas habilidades na execução prática da obra de construção conceitual e física de um centro de interpretação (MARTINI, 2007, p. 59, tradução nossa).

A oficina iniciou no mesmo ano, em 2005, e durou dois anos, até a reinauguração do *Centro de Interpretación*. Para o curso, foram selecionados vinte e quatro bolsistas que já atuavam em outros museus de sítio ou centros de interpretação em toda a Argentina, bem como quatro jovens Mbyá Guarani da província de Misiones (MARTINI, 2007, p. 60), fato interessante de ser apontado, uma vez que os indígenas são protagonistas da história a ser contada e sua participação ativa permitiu uma aproximação cultural e maior entendimento sobre os Guarani como sociedade, diferentemente da exposição do Museu das Missões.

Primeiramente foram discutidas as seguintes temáticas: “[...] a beleza, os limites e influências entre culturas, o transcurso do tempo e as possíveis vozes que narram a história” (MARTINI, op. cit. p. 61, tradução nossa). Os debates sobre as possibilidades de interpretação e aplicação dessas questões numa exposição

geraram como produto as primeiras decisões curatoriais da nova exposição, em que se escolheram núcleos, títulos, alguns dos objetos e esquemas de salas.

Após, deu-se início ao processo expográfico aplicado, criando esquemas de posicionamento de objetos, confeccionando maquetes, analisando os espaços de circulação para os visitantes, linguagens de apoio, entre outras atividades. Houve ainda um momento de debate sobre conservação preventiva de acervos, bem como o estudo de gestão do patrimônio em função do uso público (MARTINI, 2007). A oficina foi finalizada em 18 de maio de 2007, quando o *Centro de Interpretación* foi inaugurado juntamente com a nova exposição, que teve como resultado cinco salas expositivas com objetos de materialidades e tipologias variadas (Figura 22).

Figura 22 – Objetos da exposição de 2007



Fonte: Sansoni, 2018, doc. eltr.

No ano de 2014, o governo nacional novamente propôs a modernização do *Centro de Interpretación*, dessa vez se incumbiu da organização de uma exposição virtual²⁶, visando integrar todas as reduções no âmbito transnacional. As salas ocupadas pela exposição do *Taller de Capacitación* precisaram ser esvaziadas para a instalação de hologramas e projeções virtuais e teatrais que contam a história das reduções de um jeito “moderno”. A solução encontrada para a primeira exposição foi a relocação para o edifício adjacente, até então utilizado como depósito do sítio, reconhecido pelos visitantes com o nome de Museu Jesuítico (Figura 23), que ganhou novas funcionalidades.

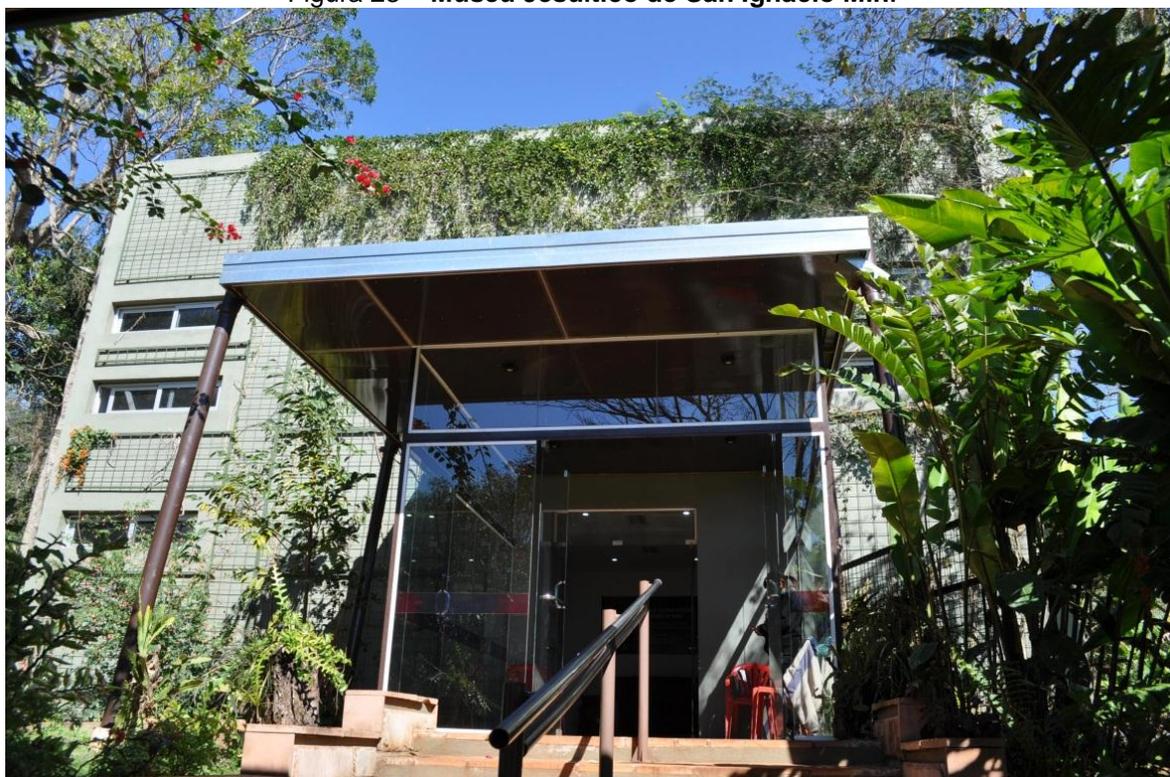
²⁶ Para mais informações sobre a remodelação do *Centro de Interpretación* (2016), acesse: <<http://misionesonline.net/2016/08/04/passalacqua-y-el-ministro-de-turismo-de-la-nacion-inauguraron-el-nuevo-centro-de-interpretacion-jesuítico-guarani-de-san-ignacio-mini/>>; <<http://www.telam.com.ar/notas/201608/157908-turismo-misiones-ruinas-jesuiticas.html>>. Acesso em: 14 set. 2018.

Segundo Sansoni,

Era fundamental entender os distintos núcleos que ali seriam alojados, *Mostra Patrimonial e Histórica, Exposição Temporária, Auditório, Guias e Oficina de Conservação*, deviam ao mesmo tempo integrar-se funcionalmente entre si e serem também independentes espacial e operativamente (2016, p. 3, tradução nossa).

A exposição criada pelos participantes do *Taller de Capacitación*, dividida entre Patrimonial e Histórica, precisou ser adaptada devido ao espaço reduzido em relação ao antigo prédio, tentando preservar as características expográficas ao máximo (SANSONI, 2018, doc. eltr.).

Figura 23 – Museu Jesuítico de San Ignacio Miní



Fonte: Da autora, 2018.

Como já observado, os museus se afirmam na política discursiva de seu patrimônio cultural e nas relações que estabelecem com o público, principalmente através de suas exposições. Tradicionalmente, os museus históricos foram consagrados com o caráter de educador da população, engessados e pouco problematizadores (RAMOS, 2004; MENESES, 1994). Tendo em vista tudo que foi abordado sobre as posturas institucionais e suas intencionalidades, aprimora-se um

olhar crítico e questionador, pautado nas questões: “o que comunicar?”, “como comunicar?” e “para quem comunicar?”.

A primeira pergunta pôde ser respondida através do breve histórico das instituições que são foco desta análise. É possível identificar que o Museu das Missões prioriza o acervo de arte sacra, seguindo a mesma concepção proposta pelo arquiteto Lucio Costa em 1937, enquanto que o Museu Jesuítico teve as exposições organizadas por uma equipe que incluía, inclusive, indígenas com voz ativa no processo de construção. No entanto, percebe-se que o museu brasileiro tem uma legitimação maior enquanto instituição museológica e fonte de pesquisa, tanto por parte da comunidade acadêmica quanto dos órgãos federais, do que o museu argentino.

Quanto às demais perguntas, estas serão respondidas no próximo capítulo.

4 REDUÇÕES JESUÍTICAS EM EXPOSIÇÃO: análise dos discursos expográficos através dos objetos

Os museus são espaços de comunicação e representação e as exposições são a porta de entrada para que o diálogo entre instituição e público aconteça. Sem elas, não há comunicação e, dessa forma, os museus não cumprem sua função primordial. A resposta para a pergunta “como comunicar?” necessita de uma aproximação sobre o que se entende por museu e os processos museológicos que ali acontecem. Se antes estes eram espaços de educação da história pré-concebida e irrefutável, agora eles adquirem múltiplos formatos e linguagens, apresentando as exposições e os objetos como fragmentos do real (SCHEINER, 2006, doc. eletr.).

No que tange ao ato de expor dos museus históricos, Cardoso afirma que

[...] a exposição permanente remete à ambição de concretizar no tempo (permanência) aquilo que é eminentemente mutável e fluido: uma concepção, um relato, uma história, uma cultura, uma identidade. No caso do museu de cunho histórico ou cívico, a exposição permanente corre o risco de cristalizar uma determinada versão da história como sendo unívoca, definitiva, normativa – o que está longe de refletir a textura complexa e maleável do material histórico em estado bruto (CARDOSO, 2003, p. 190-191).

Nessa perspectiva, os objetos que antes eram contemplados em uma falsa neutralidade, agora devem ser entendidos como “indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu” (RAMOS, 2004, p. 22). Entende-se que a intenção não é questionar o caráter educador dos museus históricos, mas sim o modo como a instituição retrata os acontecimentos e fatos através das exposições ao público, que, por sua vez, interpreta a exposição à sua maneira.

Para Cury (2005), os objetos são dotados de poesia e a exposição dá oportunidade de acesso à poesia para o público. Dessa forma, a exposição potencializa o fato museal, que “é a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir” (RÚSSIO, 1981 apud BRUNO, 2014, p. 8), num cenário institucionalizado, ou seja, no museu. Entretanto, nas palavras da autora (CURY, 2005, p. 35), a exposição é apenas “a ponta do iceberg” do processo de musealização, ou seja, a parte visível ao visitante, pois musealizar compreende um

processo que vai desde a aquisição do objeto até a comunicação do mesmo. Segundo a autora, esse processo consiste:

Primeiro, quando são selecionados para integrarem uma coleção e/ou acervo (ou a preocupação com a seleção). Aqui, musealizar significa a ação consciente de preservação. O segundo é a inserção de um objeto em um contexto museológico. Musealizar consiste em um processo que parte da aquisição e chega à comunicação. O terceiro é a seleção de objetos para comporem uma exposição. Então, musealizar é dar forma a um conceito através de objetos. O quarto momento constitui-se no processo de comunicação museal. Nesse momento, musealizar é desencadear um processo de comunicação que inicia na concepção da exposição, montagem, abertura para o público e avaliação (CURY, 1999, p. 48).

Logo, o processo reúne o conjunto de trabalhos realizados nas instituições museológicas: aquisição, pesquisa, documentação, conservação e comunicação. Nesse sentido, “[...] pode-se inferir que os processos de musealização estão vinculados à valorização e à sistematização dos sentidos e significados extraídos das referências culturais que são alvo da atenção museológica” (BRUNO, 2014, p. 7). Ainda, é importante destacar que “A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade, mas que não constitui, com efeito, a realidade ela mesma” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 58), ou seja, ao serem musealizados, os objetos perdem sua funcionalidade original e passam a ter novos significados, transformando-se em representação daquilo que é real, ainda que não se descarte seu valor de originalidade.

Knauss (2003, p. 130) define exposição como uma “operação do olhar”, no sentido de que o museu possui o controle daquilo que será “exibido ao olhar” e do que será guardado. É por meio das exposições

[...] que o Museu representa, analisa, compara, simula, constrói discursos específicos cujo principal objetivo é narrar, para a sociedade, as coisas do mundo e as coisas do homem. Desta forma, podemos entender cada exposição como uma representação de mundo de um determinado museu, num determinado momento. (SCHEINER, 2002, p. 96)

Então, a história das reduções jesuíticas pode ser abordada de diversas formas e com objetos de materialidades e de usos muito distintos. O desafio dos museus missionários consiste em abordar ou ocultar os diferentes aspectos que compunham os espaços reducionais, levando em consideração a identidade Guarani que se manteve presente em vários sentidos, o hibridismo cultural e as vivências e experiências religiosas entre jesuítas e indígenas.

Essa “materialização de uma identidade, idéia ou ideologia” que consistem as exposições são resultados de esforços conceituais e físicos (CARDOSO, 2003, p. 190). Conceituais por refletirem as escolhas curatoriais, de gestão e de pesquisa que são hierarquizadas em unidades conceituais (BLANCO, 2009). Físicas porque as exposições envolvem uma série de outros elementos e recursos expográficos que vão muito além dos objetos em si. Os textos expositivos, a iluminação, a cor, o mobiliário que acondiciona os objetos, a linguagem de apoio, inclusive a própria sala expositiva, o percurso sugerido, o tempo do trajeto e a quantidade de objetos (GUARNIERI, 1986 [2010]), todos esses elementos serão influenciadores da experiência expositiva em sua totalidade.

Todavia, analisar a composição total dos elementos que compõem uma exposição não seria viável para uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. Desse modo, este capítulo tem a pretensão de analisar as exposições de longa duração do Museu das Missões e do Museu Jesuítico, compreendendo os discursos expográficos a partir dos objetos expostos, identificando as relações a eles impostas pela curadoria²⁷, ou seja, dos critérios físicos ou simbólicos que os determinam enquanto semelhantes a um determinado tema.

Para tanto, considerou-se essencial trazer alguns conceitos propostos por Blanco (2009) para analisar o discurso expositivo, que é entendido como a “compreensão da estrutura da exposição, da seleção e organização intencionada dada aos objetos, etc.” (BLANCO, 2009, p. 71, tradução nossa). Numa exposição, os objetos são reunidos em conjunto e, ao fazer isso, são estabelecidas relações entre os mesmos em um fio condutor que produz significados simbólicos como um todo, mas também individualmente, constituindo, assim, a “trama da exposição” (Idem, p. 114, tradução nossa). Essa atribuição de sentidos intencionada foi chamada pela autora de critérios ou chaves associativas, propondo tipos de agrupamento com base em uma ou mais característica intrínseca ou extrínseca dos objetos. Dessa forma, os objetos expostos podem ser inter-relacionados por mais de um tipo de

²⁷ Segundo nota de Soares e Cury presente no livro *Conceitos-chave de Museologia*, de Desvallées e Mairesse (2013), existem diferentes concepções para o termo “curadoria” no Brasil: “Uma delas entende curadoria como pesquisa de coleção e curador como o pesquisador de coleção e, em consequência, aquele que define o conteúdo da exposição. Outra, mais recente, considera curadoria como o processo que integra todas as ações em torno da coleção ou do objeto museológico: aquisição, pesquisa, conservação, documentação, comunicação (exposição e educação). Nesse sentido, todos aqueles inseridos nesse processo são curadores.” (SOARES; CURY apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.)

critério associativo, englobando a exposição total ou parte dela, como conjuntos de uma vitrine, por exemplo.

Conforme proposição de Blanco (2009), as chaves associativas dividem-se em três categorias. A primeira, chamada de “chaves físicas”, é a mais comum de ser encontrada em exposições museológicas por tratar-se da união dos objetos de acordo com suas características físicas, tal como: a identidade ou forma, a matéria da qual foi produzido, a técnica empregada pelo homem para fabricar e decorar o artefato, os motivos decorativos ou ornamentais, o uso ou finalidade, o estilo, ou seja, traço que diferencia as características morfológicas da peça, e, finalmente, agrupamento por pertencimento a uma mesma cultura.

A segunda categoria consiste nas “chaves espaciais e temporais”, utilizadas com frequência nas exposições de cunho histórico, uma vez que todos os objetos pertencem a um determinado tempo e espaço concretos que os definem e que atribuem sentido a um grupo. Dessa forma, o espaço pode ser determinante enquanto “coordenada cultural, para situar uma determinada sociedade em um espaço geográfico determinado” (BLANCO, 2009, p. 120, tradução nossa). Já a chave temporal pode ser subdividida em diacrônica e sincrônica:

A consideração diacrônica dos feitos históricos possibilita a análise da mudança, da evolução, dos processos de transformação... [...] por outro lado, a consideração sincrônica permite analisar e explicar as inter-relações existentes entre os acontecimentos e as circunstâncias históricas ou estruturas sociais em que foram produzidos (Idem, 2009, p. 121, tradução nossa).

Por fim, a última categoria proposta pela autora são as “chaves culturais”, ou seja, a classificação “em função de seus conteúdos simbólicos ou funcionais dentro de seu contexto cultural” (BLANCO, 2009, p. 122, tradução nossa). Nesse sentido, os objetos são interligados não por suas características físicas, mas sim pelo conteúdo extrínseco que carregam como signos de uma determinada cultura ou grupo social.

A partir dessas premissas será possível identificar os critérios de associação delimitados pela curadoria das exposições. Que chaves associativas foram empregadas nas exposições dos museus missionários? Que objetos foram considerados fundamentais para narrar a trajetória das reduções jesuíticas dos Trinta Povos? Quais os silêncios presentes nos discursos expográficos dessas instituições?

Ainda, não se pode pensar a exposição sem lembrar o caráter comunicador do museu e para quem ou com quem ele se comunica através das exposições, pois

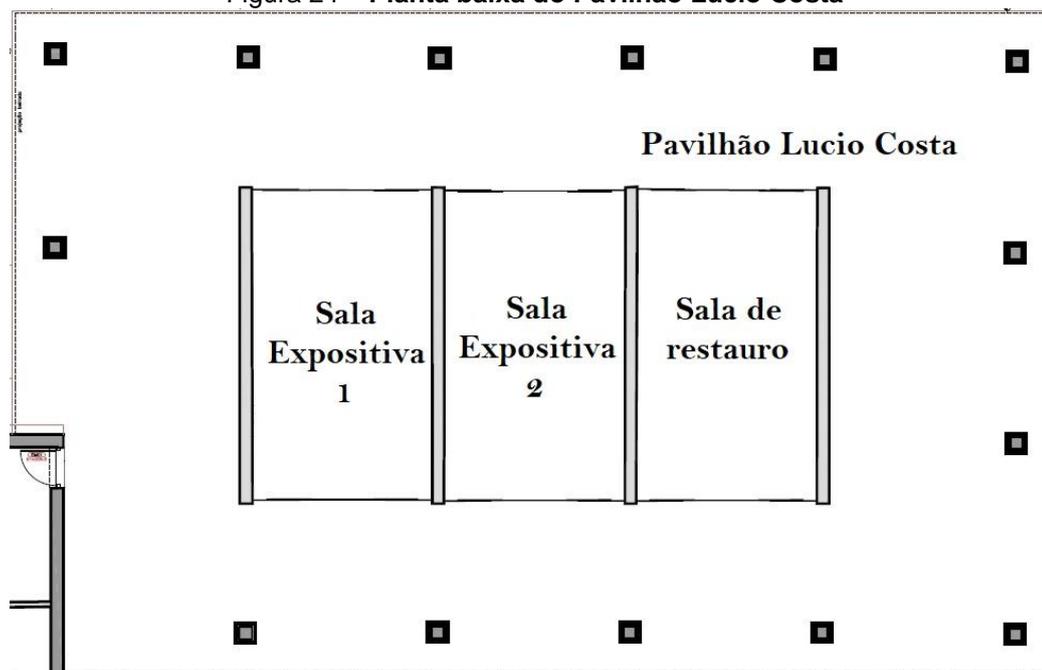
[...] o produtor não estabelece um discurso direto com o visitante [...], mas ele organiza o encontro do visitante com os objetos expostos, para que este possa aceder simbolicamente a outro mundo: o objetivo é que o visitante encontre esses objetos para se relacionar com o que eles carregam em si, pelo que eles representam” (DEVALLON, 2010, p. 24)

Que discursos expográficos os museus missionários propõem ao público através dos objetos, e quem é o público que recebe a mensagem? Cabe a este capítulo, também, aprofundar essas questões, pois, somada às particularidades que se refletem através dos discursos, o público é quem nos revela se a exposição está sendo compreendida de fato.

4.1 Museu das Missões: a iconografia cristã nas reduções dos Sete Povos

No ano de 2015, o Museu das Missões propunha os seguintes núcleos expositivos: “Memória e História”, exposição temporária na Casa do Zelador, “Museu abrigo”, nas salas expositivas do Pavilhão Lúcio Costa (Figura 24), “Igreja São Miguel Arcanjo” e “Caminho dos conquistadores”, que se constitui na própria visita às ruínas e “A fonte”, “em que uma fonte de água que abastecia a redução recebe um tratamento museográfico e é apresentada ao visitante” (BOTELHO et al., 2015., p. 57). Essa sugestão de núcleos expositivos demonstra a integração entre patrimônio edificado e objetos do museu, fato que pode ser observado inclusive na tipologia de objetos que predomina nas salas expositivas do Pavilhão Lucio Costa (Figura 24), as esculturas sacras, em concordância com o espaço da fé cristã, a igreja.

Figura 24 – Planta baixa do Pavilhão Lucio Costa



Fonte: Planta baixa cedida pelo Museu das Missões, 2018. Adaptado pela autora, 2018.

Como visto no terceiro capítulo, a opção em preservar e expor objetos sacros estava em conformidade com os preceitos do SPHAN de proteger os “bens de arquitetura religiosa representantes do estilo Barroco, endossando a ideia de ser este um estilo artístico autenticamente nacional” (THIELKE, 2014, p. 182). Por se tratar de um acervo muito específico, num primeiro olhar o Museu das Missões não aparenta ter modificado seu projeto expográfico desde a década de 1940.

Segundo Thielke (2014, p. 179), cada parede das três salas expositivas abordava um determinado assunto. Na primeira sala, era apresentada a história da formação das Reduções Orientais e a história da formação das Reduções de São Luiz e de São Nicolau. A segunda sala dava destaque à história da Redução de São Miguel e sua igreja, uma vez que o museu está localizado na própria ruína e, portanto, mereceria maior contextualização. Por fim, a terceira sala trazia um histórico das reduções de São João Batista, São Lourenço Mártir, São Borja e Santo Ângelo. Essa concepção sugere que

[...] a narrativa expográfica proposta por Lúcio Costa opera com a construção de uma narrativa visual que instaura uma noção linear de tempo. Esta narrativa está relacionada à cronologia de criação das Reduções num processo pelo qual cada escultura representa a Redução de onde procede, acarretando um efeito de realidade. (Idem, 2014, p. 182).

Portanto, a contextualização dos objetos no espaço expositivo criado pelo arquiteto Lucio Costa propunha uma comunicação didática, apresentando os demais povos missioneiros do território rio-grandense, criando conexões entre os objetos e seu local de origem.

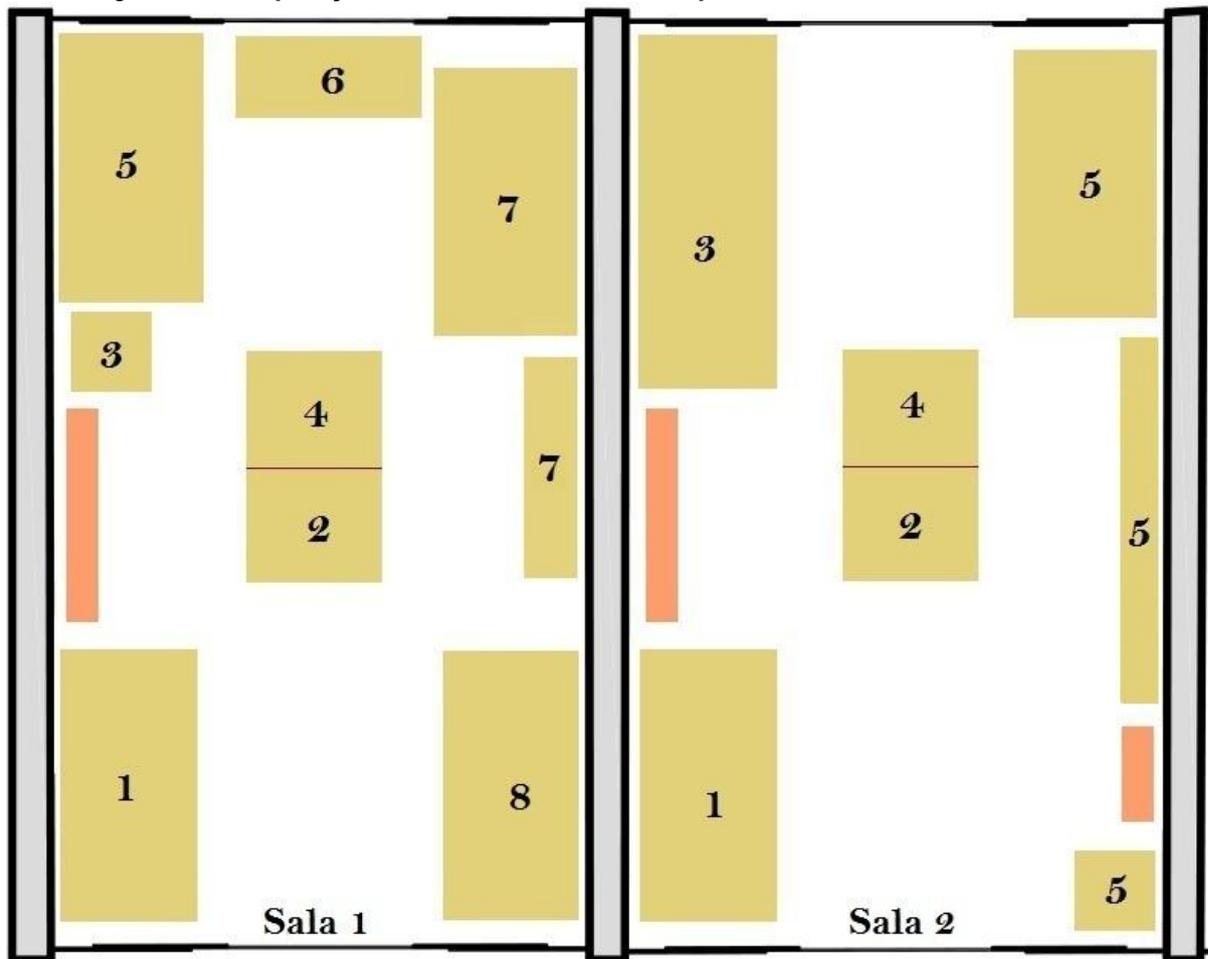
Atualmente, o museu conta com duas salas expositivas, sendo que a terceira funciona como sala de restauro desde 2017. Se antes a exposição possuía um caráter educador, agora ela segue uma linha predominantemente estética. Dada a tipologia de acervo e o local de fala do museu, logo na entrada das salas expositivas já é possível compreender que o principal critério associativo dos objetos é a chave cultural, uma vez que se tratam de artefatos considerados pela instituição como representativos de uma cultura demarcada numa determinada geografia e temporalidade.

De acordo com Blanco,

A chave associativa, invisível e codificada, pode ser compreendida pelo não-especialista por sua explicação na forma de títulos e de subtítulos que ofereçam sinteticamente o conteúdo conceitual da associação intencionada dos objetos, a ideia que compartilham e que pretende-se transmitir. O título oferece o conceito em relação com o qual o conjunto de objetos adquire significado (2009, p. 117, tradução nossa).

Nas salas expositivas do Museu das Missões, há poucos textos expográficos que entrelaçam os objetos entre si, apenas um por sala, como é possível ver no esquema idealizado em cima da planta baixa do Pavilhão Lucio Costa (Figura 25), onde todos os elementos textuais, com exceção das legendas, estão destacados em rosa. Os objetos nas duas salas foram divididos e numerados pela autora, conforme foi possível identificar durante suas observações *in loco*. Os números podem identificar tanto um único objeto, quanto grupos de objetos dispostos em módulos expositivos.

Figura 25 – Disposição das vitrines nas salas expositivas do Museu das Missões



Fonte: Planta baixa cedida pelo Museu das Missões, 2018. Adaptação da autora, 2018.

Na Sala 1, o texto de abertura foi intitulado “As Missões”. Consiste num painel dividido em seis textos e imagens que contextualizam brevemente a formação das reduções jesuíticas: a criação da Companhia de Jesus e os símbolos presentes nas construções das reduções, a criação da Província Jesuítica do Paraguai, o deslocamento dos Guarani desde a região amazônica até o sul, as primeiras reduções de Guairá, Itatim e Tape, a estruturação dos trinta povoados, com destaque aos Sete Povos do lado oriental do Rio Uruguai que hoje pertencem ao estado do Rio Grande do Sul e, por fim, uma explanação sobre a estrutura urbanística das reduções, com mapa para identificação dos locais que as compunham.

A primeira sala possui 33 objetos que foram divididos pela autora em oito grupos. O grupo 1 (Figura 26) é composto por cinco esculturas de tamanho médio, identificados nas legendas como: “São Francisco de Borja”, “São José”, “Santo Isidro”, “São Benedito” e “Santo Antônio de Pádua”, da esquerda para a direita.

Nesse módulo expositivo, identificamos que os objetos são entrelaçados no discurso pelas características físicas, sobretudo pelo tamanho das peças.

Figura 26 – Grupo 1, Sala 1



Fonte: Da autora, 2018.

Os grupos numerados pela autora como 2, 3 e 4 na primeira sala expositiva consistem em objetos individuais. São esculturas de tamanho grande (Figura 27), representando “São José” (2), “Nossa Senhora da Conceição” (3) e “Santa Catarina” (4). “São José” (2) é o objeto mais imponente da sala devido ao seu tamanho e chama atenção mesmo do lado de fora da sala expositiva.

Figura 27 – Objeto 2, 3 e 4 localizados na Sala 1



Fonte: Da autora, 2018.

O grupo 5 (Figura 28) consiste em nove objetos dispostos em uma vitrine de vidro fechada. Todos os objetos deste conjunto são compostos por estatuetas de madeira, de pequeno porte, arranjados em três níveis, sendo os três acima identificados nas legendas como: busto fragmentado sem identificação, “Santo Antônio de Pádua” e “Sant’ Ana”. Um nível abaixo estão “Santo Isidro”, “Nossa Senhora da Conceição” e “São Miguel Arcanjo”. Na base da vitrine foram dispostas as estatuetas menores, identificadas como “São Pedro” e “Sant’ Ana”. Não fica clara a relação entre os níveis e a disposição das estatuetas

Ainda, no lado direito, há uma escultura de maior tamanho em relação às demais, identificada como “Nossa Senhora da Conceição”, que aparenta estar descontextualizada na vitrine, tanto pelo posicionamento afastado como pelo tamanho desproporcional comparada com os outros objetos expostos.

Figura 28 – Grupo 5, Sala 1



Fonte: Da autora, 2018.

O grupo 6 (Figura 29) diferencia-se dos demais pela materialidade, sendo composto por três sinos de metal e um objeto de metal não identificado, uma vez que não há legendas dispostas para esse módulo. Por se tratar de um acervo sacro, é possível fazer a relação dos sinos da igreja com as demais esculturas de madeira. Entre si, o grupo está associado pela chave da materialidade.

Figura 29 – Grupo 6, Sala 1



Fonte: Da autora, 2018.

Da divisão dos módulos sugeridos pela autora, o grupo 7 (Figura 30) apresentou a maior disparidade entre objetos no que tange às características físicas. Dispostos um ao lado do outro, da esquerda para a direita: “São Luis Gonzaga”,

“Santo Estanislau Kostka”, “Não identificado” e “Cristo Crucificado”. Os objetos foram reunidos em grupo por apresentarem semelhanças na técnica de produção, que podem ser percebidas pelos entalhes da madeira. Cristo Crucificado, no entanto, possui rusticidade nas feições e nas costelas e não parece conversar com nenhum outro objeto da sala.

Figura 30 – Grupo 7, Sala 1



Fonte: Da autora, 2018.

Por fim, o grupo 8 (Figura 31) é composto por uma vitrine de vidro fechada contendo oito objetos. À frente estão as menores esculturas da sala expositiva, “Não identificado” e “Nossa Senhora”. Não é possível discernir o critério associativo que liga essas pequenas esculturas às demais da vitrine, portanto, considerou-se coerente através desta análise expográfica, que elas estivessem vinculadas ao Grupo 5 (Figura 28).

Atrás destas, da esquerda para a direita: representação de “São Gabriel”, de “São Francisco de Xavier” e de “Nossa Senhora da Conceição”. Centralizado na vitrine, a imagem “Ego Sum”, que difere das demais por ser apenas o busto preso na parede. Por fim, à direita da vitrine, duas esculturas de arenito, as únicas da sala expositiva que não foram confeccionadas com a técnica de madeira policromada. Os

dois objetos compõem a chave associativa da materialidade, no entanto, não conversam com os demais nesse aspecto.

Figura 31 – Grupo 8, Sala 1



Fonte: Da autora, 2018.

Seguindo para a Sala 2, o texto expográfico intitulado “Museu das Missões”, aborda o contexto de criação do museu, citando Lucio Costa e o zelador Hugo Machado. Traz informações relevantes sobre a tipologia do acervo, composto principalmente por imagens sacras de oratório que eram utilizadas em cultos pelos padres e índios durante o período reducional.

As **pequenas** imagens eram geralmente carregadas pelos índios para sua devoção. As imagens de tamanho intermediário integravam **retábulos** das igrejas e capelas e as maiores, às vezes do santo padroeiro, destacavam-se elevadas, nos **altares** principais.

As **pinturas** e **esculturas** eram geralmente executadas pelos índios a partir de gravuras ou de **modelos** em argila feitos pelos padres [...]. muitas obras são **criações** indígenas, o que fica mais evidente quando reproduzem suas feições, nas representações da flora e da fauna nativa [...] (MUSEU DAS MISSÕES, 2018, grifo do texto).²⁸

Por fim, aponta alguns objetos que se destacam e que se encontram expostos nas duas salas. Esta possui 15 objetos que foram divididos pela autora em cinco grupos. O primeiro está separado por uma vitrine de vidro fechado contendo dois objetos, legendados como “Anjo” e “Menino Jesus” (Figura 32).

²⁸ Citação retirada de texto expográfico presente na Sala 2 do Museu das Missões, visitado pela autora no ano de 2018.

Figura 32 – Grupo 1, Sala 2



Fonte: Da autora, 2018.

O grupo 3 (Figura 33) é compreendido por quatro objetos de tamanho médio, da esquerda para a direita: “Santo Isidro”, “Santo Estanislau Kostka”, “Não identificado” e “Santana Mestra”. Os objetos foram associados devido à aproximação entre si, mas os dois primeiros apresentam técnicas de produção diferenciadas em relação aos dois últimos, com mais detalhes e curvas.

Figura 33 – Grupo 3, Sala 2



Fonte: Da autora, 2018.

Tal como na Sala 1, os objetos centrais são os maiores do espaço, sendo apresentados individualmente nos grupos 2 e 4 (Figura 34), numerados pela autora. Em frente à porta de entrada está a figura de “Nossa Senhora da Conceição” e, atrás, a de “Nossa Senhora”. As imagens chamam atenção pelas cores bem conservadas.

Figura 34 – Objetos 2 e 4, Sala 2



Fonte: Da autora, 2018.

No último grupo da sala “Museu das Missões”, a autora optou por agrupar todos os objetos que estão localizados na parede direita, totalizando sete objetos (Figura 35). Dando continuidade ao percurso expositivo, listaremos primeiro as três esculturas ao fundo da sala, legendadas como: “Anjo”, “São Gabriel” e “São José de Botas”. Dividindo as esculturas, no alto da parede da sala foi colocada uma pedra ornamentada, provavelmente fragmento de uma igreja, no entanto, a legenda é idêntica ao crucifixo exposto na Sala 1, nomeada de “Cristo Crucificado” em madeira policromada. Dando seguimento e aproximando-se do fim da sala, estão “Nossa Senhora das Dores”, “Provavelmente Ascensão do Senhor”, escultura que permanece intacta nos entalhes, exceto pelo rosto oco e faltante. Por fim, “Santo Estanislau Kostka”.

Figura 35 – Grupo 5, Sala 2



Fonte: Da autora, 2018.

Entre as duas últimas esculturas foi colocado um suporte com texto relatando o tornado que devastou o museu e o processo de recuperação do patrimônio. O texto está destoado dos demais objetos da sala, por tratar-se de uma simples impressão, consideramos a sugestão de movê-lo para a sala de restauro onde efetivamente ocorrem essas atividades de recuperação.

Assim se encerra a visita às salas expositivas do Museu das Missões. Há ainda, no pátio externo do Pavilhão Lucio Costa, objetos em pedra e outras materialidades, também ligados às atividades religiosas que ocorriam nas reduções. Todo o acervo está em conformidade com a missão institucional, mas algumas considerações são necessárias sobre o discurso expográfico do museu, com base nas observações *in loco* que foram base para o desenvolvimento deste trabalho.

O Museu das Missões possui a vantagem de estar imerso no próprio local de fala, ou seja, de fazer parte do complexo das ruínas de São Miguel. Como visto, desde o início do projeto do museu e da aquisição do acervo sacro, buscou-se construir um diálogo entre o patrimônio edificado da igreja com a cultura material dos remanescentes ligados à fé católica, fato que se mantém até os dias atuais e transparece na missão do museu. O fato do museu priorizar a preservação apenas de objetos sacros não está em questão, afinal, são escolhas institucionais. No entanto, essa relação que pareceria óbvia não transparece no espaço expositivo, principalmente pela falta de linguagens de apoio que potencializem o acervo e suas mais diferenciadas formas estéticas e de uso.

De acordo com Scheiner,

Toda exposição é uma forma de argumento cultural, e sua qualidade persuasiva residirá exatamente na maestria com que o museu faz uso das muitas linguagens [...]. O valor sócio de cada conjunto comunicacional será gerado a partir das abordagens que o museu elabore. Pois não devemos esquecer que a comunicação é uma via de mão dupla, e que emissor e receptor devem sintonizar-se com relação aos códigos de expressão que estão sendo utilizados (2002, p. 102-103).

Não cabe a esta pesquisa fazer uma análise da estética e técnicas das esculturas. A intenção é analisar os critérios associativos como um visitante “não-especializado”, conforme indicou Blanco (2009, p. 117), conseguiria associar os objetos à mensagem que se pretende passar. Nesse sentido, não foi possível encontrar critérios associativos extrínsecos entre os grupos demarcados na planta

baixa das salas expositivas, além da identificação de semelhanças na materialidade e tamanho dos objetos, ou seja, das características físicas e intrínsecas.

Os objetos sacros foram de suma importância nos espaços reducionais, suas variedades de tamanhos, formas e estilos enriquecem a complexa história das missões jesuíticas. Estavam presentes nas igrejas e nas casas indígenas, reforçando os valores cristãos (THIELKE, 2014).

O conjunto de imagens, por seu alcance de persuasão, era naquele contexto o que os jesuítas entendiam como a Bíblia dos Pobres. Em razão do analfabetismo de grande parcela dos indígenas a serem catequizados, as imagens funcionavam como reforço às pregações cotidianas dos jesuítas (BOTELHO et al., 2015, p. 49).

Entendendo a importância e o papel da iconografia como forma de diálogo entre jesuítas e indígenas, é possível perceber que o engajamento entre os objetos poderia ser potencializado ao abordar essas questões em textos de apoio separados por módulos expositivos, não apenas um único texto por sala. O excesso de linguagens de apoio, tais como textos, vídeos, ilustrações, mapas, efeitos sonoros ou outros recursos, demonstram “uma incapacidade de se defrontar com o objeto, de explorá-lo em seus próprios termos” (MENESES, 1994, p. 28). No entanto, o objeto por si só não comunica nem ao público não-especializado, nem a quem já possui bagagem para apropriação do conteúdo, pois “Não há dúvida de que uma exposição que dispensasse esses apoios multi-sensoriais correria o risco de fetichizar os objetos” (Idem, p. 29), como de fato ocorre no Museu das Missões.

Além disso, todas as legendas das duas salas expositivas estão identificadas da mesma forma: nome da figura religiosa a que a escultura representa, seguida da identificação “Escultura missioneira”, do material “madeira policromada”, e do período de confecção “séc. XVII-XVIII”. A exceção do Grupo 8 da Sala 1, em que há dois objetos de arenito, e da pedra ornada do Grupo 5 na Sala 2, em que a legenda está errada. Já existem estudos sobre a iconografia missioneira²⁹ que analisam com aprofundamento as características típicas do chamado “barroco missioneiro”,

[...] no qual as características de movimento, persuasão, policromia e formas agitadas do Barroco europeu mesclam-se com a presença de elementos nativos do universo indígena e a padrões estéticos geométricos, talha de atitude ereta e composição simples (THIELKE, 2014, p. 55).

²⁹ Para saber mais sobre iconografia missioneira, consultar BOFF (2005) e THIELKE (2014).

Há um estudo produzido por Boff (2005) sobre a iconografia missioneira, classificando-as em duas fases: no século XVII houve a chamada fase de produção, em que os artífices indígenas aprenderam a reproduzir as imagens conforme os moldes europeus, e a segunda fase, chamada de fase criativa e que ocorreu no século XVIII, quando os indígenas obtiveram domínio técnico e passaram a inserir elementos da própria cultura e feições nativas nos santos. Essa proposta da autora sugere um processo de evolução na produção das oficinas que permite a classificação e datação aproximada das esculturas.

Dessa maneira, se o museu atualizasse as legendas com as datas aproximadas e individuais, a percepção do visitante poderia ser diferenciada. Isso demonstra a falta ou o pouco desenvolvimento de pesquisa museológica junto ao acervo do Museu das Missões, deixando lacunas que são problemáticas no que diz respeito à comunicação por meio das exposições museológicas. Pois se em 1940 Lucio Costa propôs a associação dos objetos por seu local de origem, acrescentar essa informação poderia ser enriquecedor, considerando que o texto de apoio da Sala 1 aborda os Sete Povos para além de São Miguel.

Dentre algumas sugestões cabíveis para que haja diálogo entre emissor e receptor: o texto expográfico presente na Sala 2 dialoga com toda a exposição. A citar como exemplo a passagem que se refere ao uso das imagens de acordo com o tamanho, talvez fosse mais adequada se estivesse posicionada junto ao Grupo 5 da Sala 1, despertando a imaginação do visitante que, até o momento, poderia não ter conhecimento sobre a informação e, assim, fazer a relação com as pequenas esculturas. Percebe-se também uma repetição de alguns santos eleitos como padroeiros das reduções, como Nossa Senhora da Conceição e Santo Isidro. Desse modo, essas esculturas poderiam ser associadas para comparação do estilo e dos traços, por exemplo.

Outro fato curioso e que poderia ser explorado é a ausência de animais entalhados na peanha³⁰ das esculturas, que eram muito comuns na Europa. Apenas a do Grupo 2 da Sala 2 possui um dragão, representando “Nossa Senhora da Conceição”, pois

Os missionários entenderam que os animais, que simbolizavam as proezas dos santos para os cristãos, eram adorados pelos indígenas, como faziam na sua cultura tradicional. No século XVII, o dominicano Thomas Gage

³⁰ Pequeno pedestal que serve de base para estátuas, bustos, etc.

constatava que, ao verem os santos representados com animais a seu lado [...] os indígenas imaginavam que se tratava dos santos em transe, como o fazem até hoje os xamãs de algumas tribos indígenas (OLIVEIRA, 2007, p. 29).

Nesse sentido, a conclusão que se chega após esta análise é que o Museu das Missões poderia ter explorado a exposição de longa duração de forma diferente, mais aprofundada, incitando “o visitante à reflexão sobre a complexa experiência histórica das missões” (BOTELHO et al., 2015, p. 58), conforme o próprio museu propõe. Percebe-se o potencial do acervo do museu, pois já existem diversas pesquisas sobre o mesmo e que podem contribuir para uma comunicação museológica que desperte no visitante o senso crítico, a curiosidade e o diálogo. Esse deve ser o papel primordial do museu, seja numa instituição com uma única tipologia de acervo, como o Museu das Missões no Brasil, ou coleções diversificadas de acervo, como o Museu Jesuítico na Argentina.

4.2 Museu Jesuítico de San Ignacio Miní: fragmentos dos Trinta Povos

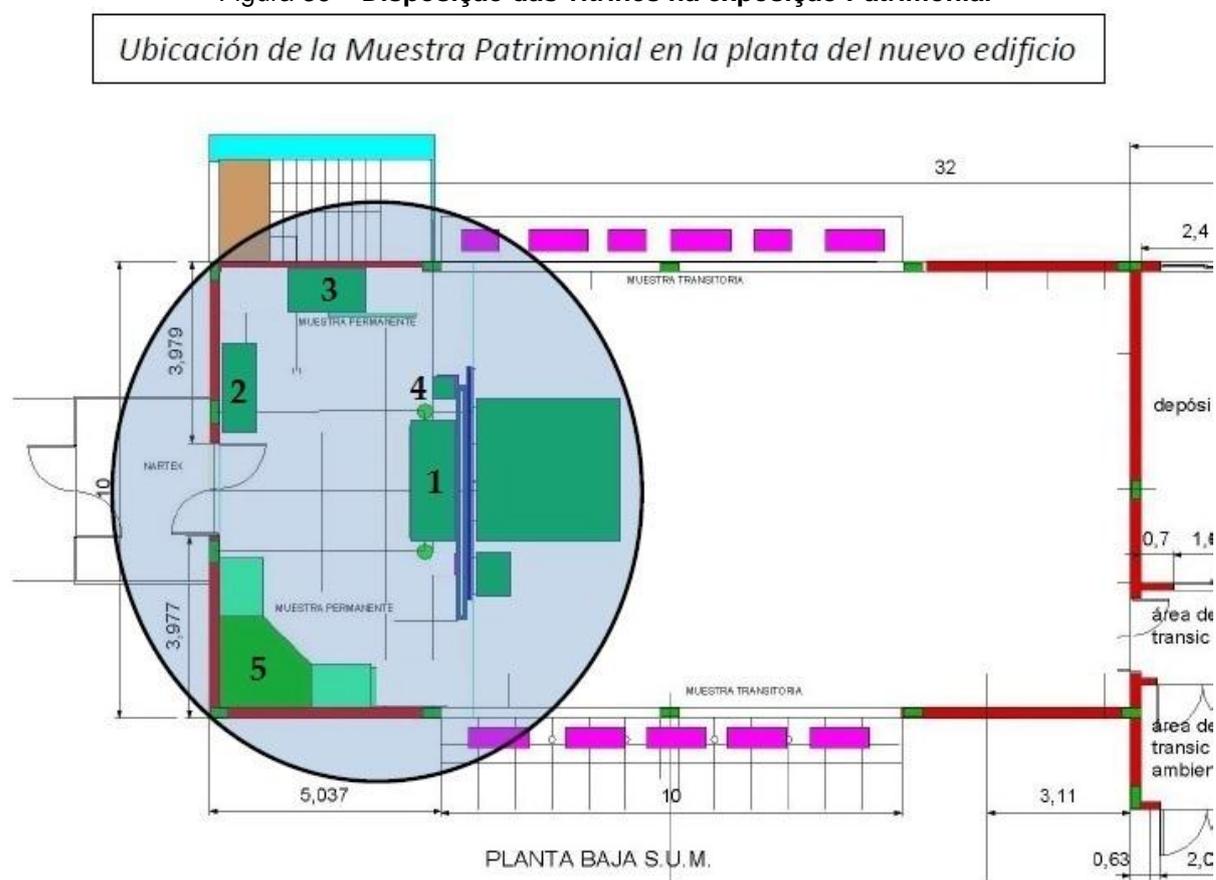
Retomando brevemente o contexto de criação dos museus já abordado no terceiro capítulo deste trabalho, o Museu Jesuítico é constituído, na verdade, de uma exposição realocada para um novo prédio dentro do sítio arqueológico de San Ignacio Miní, antes ocupado por um depósito. Idealizada a partir do ano de 2005 e inaugurada em 2007, partiu de um projeto que envolvia diversos profissionais através de uma oficina de capacitação, ofertada pela *Dirección Nacional de Patrimonio y Museos y la Provincia de Misiones*. A exposição foi elaborada para tomar lugar no *Centro de Interpretación* e precisou ser movida no ano de 2014, após um projeto de modernização e virtualização do espaço. Um ponto que precisa ser novamente destacado sobre a equipe é a participação de um grupo de caciques e jovens Guaraní nos processos curatoriais, colaborando para o aprofundamento da cultura indígena sob o olhar dos próprios atores sociais, fato que se mostra visível na exposição.

O museu possui duas salas que contam com duas exposições permanentes: a chamada Patrimonial e a Histórica. A Patrimonial está localizada na entrada do edifício (Figura 26), sendo

[...] a primeira coisa que o visitante vê ao entrar no sítio, acolhendo-o e apresentando-o a uma experiência de interpretação do Patrimônio Missionário baseada em objetos originais, textos, som e material informático que relacionam o Conjunto Jesuítico Guaraní [...] (SANSONI, 2016, p. 7).

O museu propõe uma aproximação completa do que foram as reduções jesuíticas em toda sua diversidade. Todos os objetos que se encontram em exposição são de procedência do que hoje se entende pelo território da Argentina, no entanto, a abordagem curatorial não se detém somente ao país, integrando todos os Trinta Povos das Missões no discurso.

Figura 36 – Disposição das vitrines na exposição Patrimonial



Fonte: Sansoni, 2016, adaptado pela autora, 2018.

Por se tratar de uma exposição que sofreu com o deslocamento para um novo espaço, é possível perceber, conforme o círculo demarcado na planta baixa, sinalizado pelo curador Andrés Sansoni (2016), que parte dos objetos precisaram ser adaptados para a sala ao lado por questão de espaço na primeira sala. No entanto, não seria possível perceber esse detalhe se não fosse pelo desenho

apresentado, dessa forma, o objeto será analisado como pertencente à segunda sala conforme percepções da autora durante as visitas aos espaços expositivos.

Como observado anteriormente, a falta ou o excesso de linguagens de apoio podem prejudicar o olhar que o visitante dá ao objeto. No caso do Museu Jesuítico, há sete painéis espalhados pela primeira sala expositiva contextualizando a história das reduções jesuíticas e sua complexidade pela convivência entre padres europeus e indígenas. As informações são relevantes principalmente porque o discurso da história muitas vezes ignora a perspectiva Guarani, tampouco aborda vários hábitos nativos que foram incorporados aos espaços reducionais. O conteúdo apresenta, inclusive, as vantagens e desvantagens de se reduzirem. Todavia, os objetos da exposição Patrimonial são diversificados em materialidades e usos, o que demonstra que não seria necessário uma quantidade excessiva de textos para contextualizá-los.

Ademais, considerou-se positivo o conteúdo das legendas, pois possuem informações relevantes para compreender a relação entre os objetos nos módulos expositivos. Todas contêm a identificação do objeto e sua materialidade, as medidas – informação que, nesse caso, poderia ser retirada e incluída somente na documentação museológica –, a procedência geográfica, ou seja, de qual das reduções do território argentino pertencia e, por fim, uma breve descrição dos usos do objeto. Entretanto, é válido pontuar uma crítica às legendas pelo seu tamanho pequeno e posição de difícil acesso para os diferentes tipos de público que visitam esse espaço (Figura 37).

Figura 37 – Exemplo de legendas dispostas em vitrine



Fonte: Da autora, 2018.

O primeiro grupo (Figura 38) é composto por quatro objetos e não apresenta texto expográfico, somente um painel de boas vindas ao visitante a todo o complexo do sítio arqueológico, não apenas ao museu. O maior objeto está centralizado e consiste em uma fonte de água utilizada no abastecimento da redução de Santos Apóstoles Pedro y Pablo, ao lado direito está o objeto intitulado “*Mortero (angu’a)*”, pertencente à redução de San Ignacio, utilizado para moer alimentos e erva mate e, ao lado esquerdo, uma vasilha com tampa que servia de recipiente para a água nas residências, também procedente de San Ignacio, chamada de *japepo* na língua guarani. Através das legendas, é possível observar que o critério associativo que

une os objetos no mesmo módulo expositivo é o uso, pois todos eles serviam para o abastecimento e produção de alimento e água nas reduções.

Figura 38 – Grupo 1, exposição Patrimonial



Fonte: Da autora, 2018.

O grupo 2 (Figura 39) está localizado à esquerda da entrada do museu. A vitrine é composta por um total de trinta e um objetos que estão divididos em subgrupos através da chave associativa da tipologia ou tipo, conforme proposta de Blanco:

O tipo se refere aos objetos que compartilham duas ou mais características. [...] A tipologia pode ser uma mera ordenação morfológica ou um discurso no tempo em que se expliquem as razões para as variantes tipológicas. No primeiro caso, as tipologias podem chegar a definir culturas, períodos ou etapas culturais pelas características morfológicas da cultura material. O segundo caso é excluído deste lugar porque as tipologias são significativas em relação a algum aspecto cultural (2009, p. 120, tradução nossa).

Esse critério de associação pode ser observado nesta vitrine uma vez que os objetos expostos estão divididos em subgrupos principalmente pela materialidade em que se apresentam, mas não somente isso, pois, através das legendas, o visitante consegue compreender a importância das matérias primas que foram utilizadas para a confecção dos objetos nos espaços reducionais, refletindo aspectos econômicos ou culturais, já que muitos modos de fazer são oriundos da cultura nativa.

Figura 39 – Grupo 2, exposição Patrimonial



Fonte: Da autora, 2018.

O primeiro subgrupo está interligado pela materialidade do ferro, consistindo em vinte e seis objetos produzidos nas próprias reduções a partir da pedra itacurú, abundante na região missioneira. A legenda explica que o preço de importação do ferro era alto e se utilizava como alternativa a pedra e a madeira, herança da cultura guaranítica. A fabricação do ferro nas reduções permitiu que vários tipos de objetos fossem produzidos, utilizados em peças como chaves e fechaduras, facas, esporas, cruces, pregos e medalhas, conforme apresentados na exposição.

O segundo subgrupo está unido pela materialidade da cerâmica. Num primeiro olhar, o objeto central parece descontextualizado dos demais por se tratar de um ladrilho de cerâmica com impressões de pés de criança. Todavia, é significativo destacar que: “A tradição ceramista dos guaranis pré-hispânicos aparece nos novos objetos produzidos nas reduções. Pés, mãos, braços e até assinaturas dos artesãos foram registrados nas peças” (MUSEU JESUÍTICO, 2018, tradução nossa)³¹. A cerâmica era matéria-prima para fabricação de muitos objetos de uso cotidiano nas reduções, mas também haviam objetos trazidos da Europa, tal como o prato e a jarra presentes na vitrine, o vidro também era importado. É interessante notar que os talheres de ferro produzidos nas reduções foi associado expograficamente à louça de cerâmica importada, interligando todos os subgrupos da vitrine.

O grupo 3 (Figura 40) reúne sete objetos de diferentes tamanhos em uma vitrine. Trata-se da convergência de culturas entre jesuítas e Guarani, convivendo nos mesmos espaços e dividindo heranças e hábitos. Os objetos mais acima da vitrine são relacionados com a fé católica, compreendendo um friso³² de madeira entalhada sem identificação e uma cruz de ferro. Sabe-se que a madeira tem ligação com a fé pela organização urbanística das reduções apresentada no segundo capítulo deste trabalho, no entanto, o visitante não possui essa informação. Abaixo, os objetos advindos da cultura Guaraní: em pedra, a boleadeira e a ponta de um machado, ao lado estão os chamados *petyngué* (cachimbo) e *popyguaí* (varas), ambos de madeira, que

Na cultura guarani o uso do cachimbo está associado a ocasiões cerimoniais, ou àquelas em que é necessário o concurso de forças divinas para curar enfermos ou para restauração da ordem da natureza, da vida

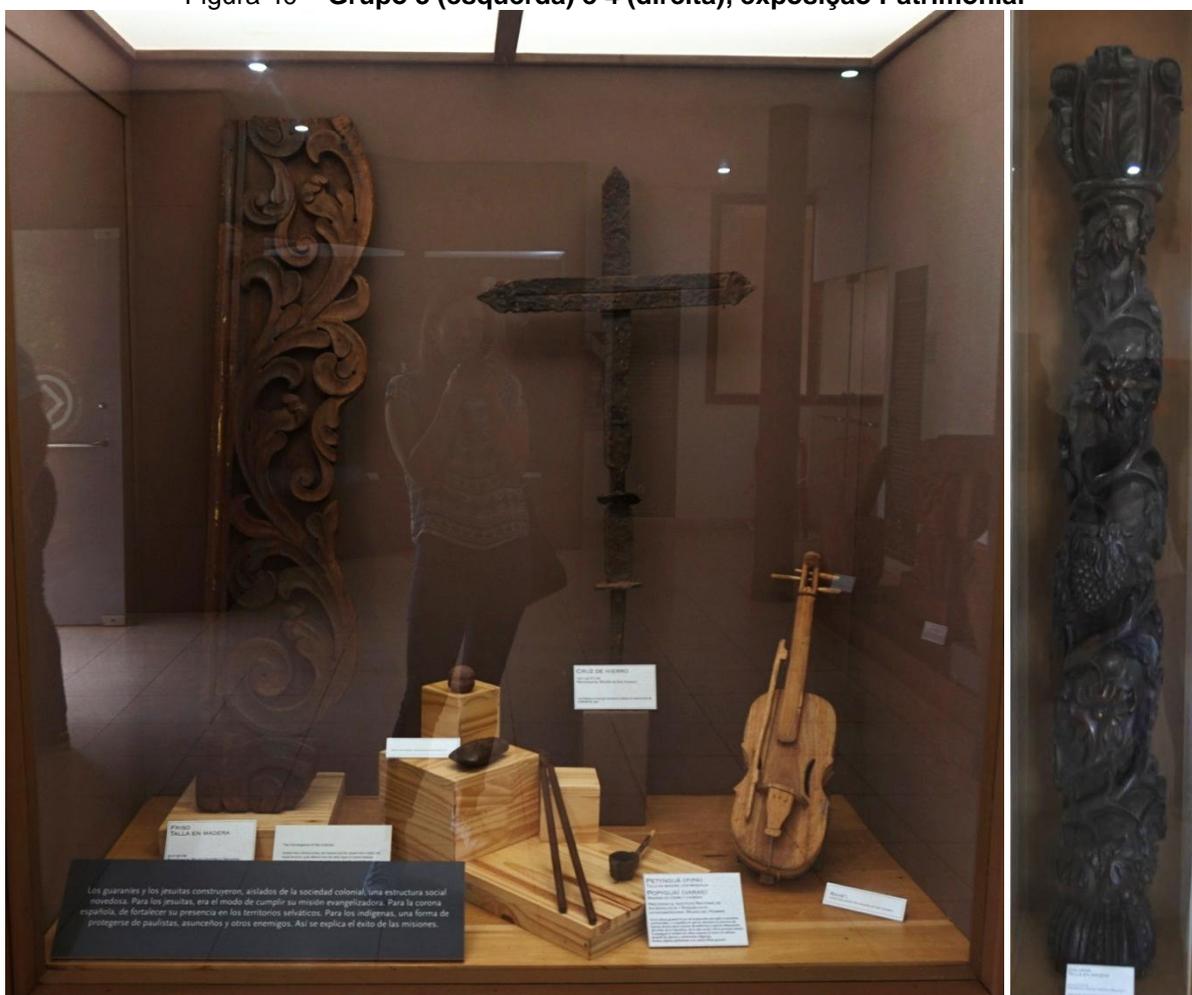
³¹ Citação retirada de legenda do objeto presente na exposição Patrimonial do Museu Jesuítico de San Ignacio Miní, visitado pela autora em julho de 2018.

³² Denominação da arquitetura para parte plana do entablamento.

social ou da harmonia interior. O popyguai é recebido por crianças do sexo masculino ao nascer e é usado durante danças e cerimônias religiosas (MUSEU JESUÍTICO, 2018, tradução nossa)³³.

Por fim, encontramos um violino, chamado em guarani de *rave'i*, reconstruído para representar o significado da música para os indígenas e a inserção de instrumentos europeus nesse contexto. Ao lado da vitrine há um texto de apoio que explica a importância da música nas missões e a mescla entre ritmos e culturas, juntamente com uma campainha que, quando acionada, começa a tocar músicas missionais e Guaraní sendo possível ouvir em toda a sala.

Figura 40 – Grupo 3 (esquerda) e 4 (direita), exposição Patrimonial



Fonte: Da autora, 2018.

O grupo 4 (Figura 39) consiste, na verdade, em um único objeto, sendo este uma coluna de madeira com entalhes que estava presente nas naves da igreja, nos

³³ Citação retirada de legenda do objeto presente na exposição Patrimonial do Museu Jesuítico de San Ignacio Miní, visitado pela autora em julho de 2018.

templos e átrios. A autora considerou-o como um objeto individual por estar isolado dos demais, no entanto, está em diálogo com a peça de madeira do grupo 3.

Encerrando a primeira sala, porém não a exposição, o grupo 5 (Figura 41) consiste em um expositor com três vitrines que serve como suporte para seis objetos sacros. Os textos expográficos contextualizam a importância da arte e das oficinas de escultura e pintura, que serviam tanto para a catequização quanto para a distribuição dos produtos para as cidades coloniais. A arte sacra estava presente em todos os espaços reducionais e era muito importante no processo de evangelização. Na primeira vitrine, há um santo de tamanho grande de Santo Inácio de Loyola, na vitrine central há duas esculturas semelhantes, em tamanho médio, representando Santo Ambrósio e Santo Agostinho. Por fim, na última vitrine há três objetos de tamanho pequeno, uma escultura de São João Batista, à direita uma escultura denominada como “Afro-americano” e, ao centro uma matraca de procissão, utilizada em eventos festivos e religiosos, principalmente nos dias de celebração do santo padroeiro da redução.

Figura 41 – Grupo 5, exposição Patrimonial



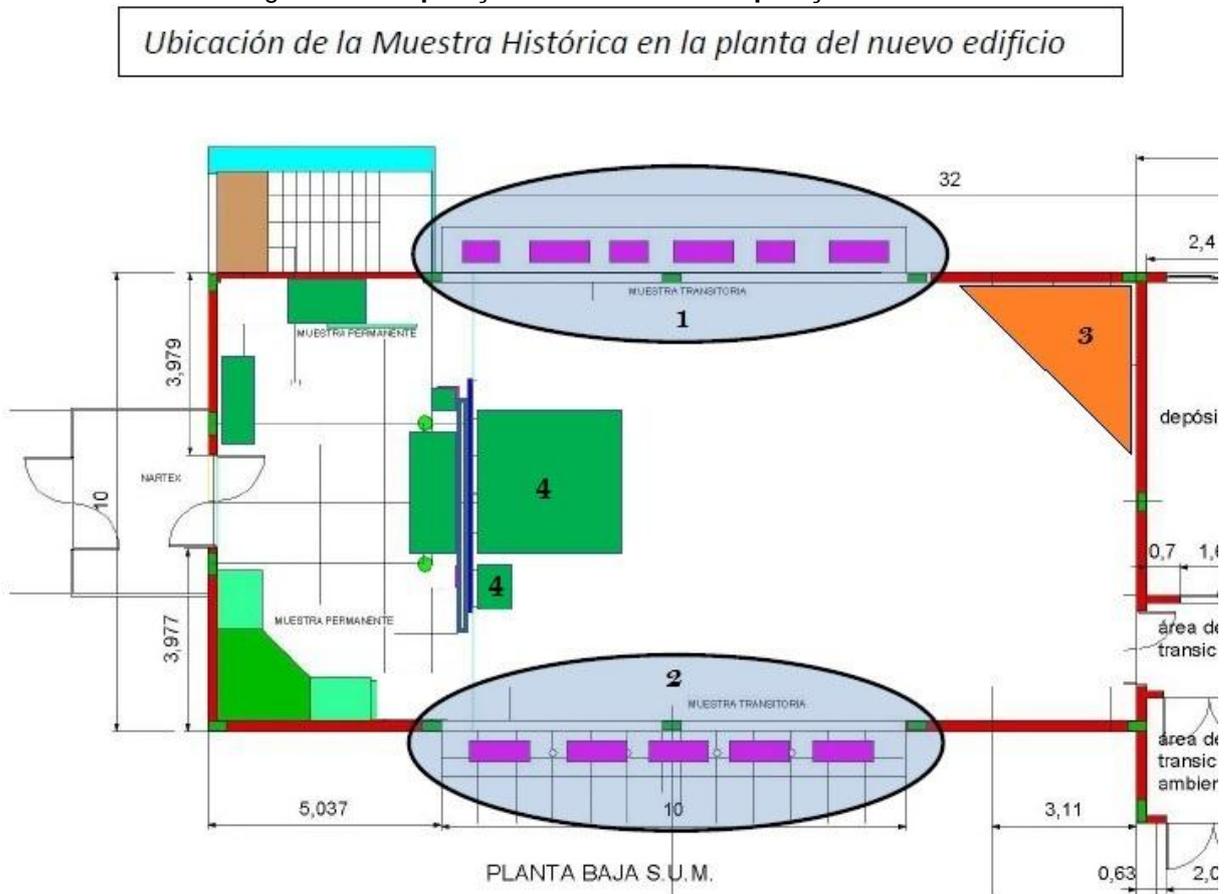
Fonte: Da autora, 2018.

Quanto a esse módulo, cabe pontuar algumas críticas. Primeiramente, o vidro escolhido para as vitrines causa muito reflexo, impossibilitando o visitante de

observar as obras em detalhes, falta também um contraste que destaque a matraca em relação ao mobiliário, pois esta fica escondida pela semelhança entre as cores. Além disso, há muitas legendas e textos de apoio espalhados sem organização ou padronização que causam poluição visual nas vitrines, ofuscando os objetos que deveriam ser o principal elemento.

Segundo para a segunda sala do Museu Jesuítico, a exposição Histórica (Figura 42) dialoga cronologicamente com a exposição Patrimonial. Segundo Sansoni, “as peças são expostas não apenas como testemunhas de sua história missionária, mas também como testemunhas de outro momento histórico, em que a comunidade tomou consciência de seu valor e as trouxe à luz” (2016, p. 13, tradução nossa). Enquanto a exposição Patrimonial trata do patrimônio e dos modos de viver que pertenciam ao cotidiano das reduções, a exposição História traz uma abordagem do processo de patrimonialização das ruínas que estavam abandonadas.

Figura 42 - **Disposição das vitrines na exposição Histórica**



Fonte: Sansoni, 2016, adaptado pela autora.

A sala da segunda exposição é chamada de S.U.M., ou sala de usos múltiplos, além da exposição de longa duração há também espaço para mostras de curta duração. A exposição Histórica consiste nos espaços circulados na planta baixa, ambos os expositores possuem objetos semelhantes do patrimônio de pedra e cal que faziam parte da estrutura das reduções, ou seja, pedras e fragmentos arqueológicos.

O grupo 1 (Figura 43) possui seis objetos expostos em duas vitrines, em ordem: fragmento de pia batismal ou fonte, objeto sem identificação, fragmento de balaústre na primeira vitrine, e fragmento de pedra arsênica, fragmento de pia batismal e fragmento de decoração na segunda vitrine. Os textos reforçam o abandono por quase um século após a expulsão dos jesuítas, com imagens da redução de San Ignacio antes do início dos restauros.

Figura 43 – Grupo 1, exposição Histórica



Fonte: Da autora, 2018.

O grupo 2 (Figura 44) é constituído por oito objetos, também de fragmentos arqueológicos de pedra e distribuídos em duas vitrines, estão listados seguindo o percurso da sala: sistema de telhas, fragmento de lápide, fragmento de fonte e fragmento entalhado na primeira vitrine, e dois fragmentos identificados como

“cavalo com cavaleiro”, fragmento pequeno identificado de decoração de cornija³⁴ e um objeto identificado como “pilha batismal” na segunda vitrine.

O segundo módulo segue a mesma linha do primeiro, mas o discurso segue a linha da preservação do patrimônio e das iniciativas das equipes de em restaurar as ruínas de San Ignacio, apresentando fotos dos trabalhos realizados no início da década de 1940. O texto expográfico aborda também as demais reduções argentinas que passaram por restauro, bem como a data da listagem de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

Figura 44 – Grupo 2, exposição Histórica



Fonte: Da autora, 2018.

³⁴ Elemento de decoração arquitetônica que consiste em uma faixa horizontal que para arremate na parte superior de paredes.

Além da divisão de módulos das vitrines, é possível observar um macro critério associativo que relaciona os objetos do grupo 1 com o grupo 2, pois todos possuem a mesma materialidade e faziam parte da estrutura das reduções jesuíticas, mais especificamente da área de convívio de padres e de espaços de sacralidade. As vitrines estão posicionadas uma de frente para a outra e os textos exográficos são apresentados numa linha temporal, no entanto, os objetos expostos não apresentam tais diferenças, pois cumprem o papel de exemplo físico daquilo que o texto pretende narrar.

Aos fundos da sala de usos múltiplos há uma obra de Luis Felipe Noé intitulada “*Misiones Naturaleza e Historia*” (Figura 45), consistindo numa pintura dividida em quatro telas, em que cada uma retrata um período da história das missões: “*Parte I: El estado natural*”, “*Parte II: La Conquista*”, “*Parte III: El Estado Jesuítico*” e “*Parte IV: Expulsión y Destrucción*”. Ao lado, um painel com informações sobre a obra, o artista e detalhes sobre a restauração realizada pelo Centro Aletheia. A curadoria optou por colocar uma faixa de segurança que impede que o visitante perceba os detalhes da obra, somente o conjunto, as informações individuais das telas podem estar contempladas no painel ao lado, considerado um ponto negativo para a experiência expológica³⁵ e expográfica.

Figura 45 – Grupo 3, exposição Histórica



Fonte: Da autora, 2018.

³⁵ A Expologia “estuda a teoria da exposição (DESVALLÉES, 1998: 222) e envolve os princípios museológicos, comunicacionais e educacionais de uma exposição, é sua base fundante (CURY, 2003: 172)” (CURY, 2005, p. 27).

A exposição Histórica não abrange o quadro, e durante a visita é possível identificar que o objeto está descontextualizado em relação aos demais. O objeto dialoga com a exposição Patrimonial da primeira sala.

O último grupo da sala expositiva é o grupo 4 (Figura 46), que consiste em uma maquete de cerâmica produzida por Hugo E. Viera, Juan A. Hedman e Laura R. Hedman para a exposição do *Centro de Interpretación* de 1987. Do lado esquerdo há uma mesa com computador e cadeira, na tela há informações sobre a história das reduções e a função dos espaços urbanos, divididas em conjuntos virtuais. Não há informações sobre a maquete, tampouco há sinalização que mostre ao público a possibilidade de mexer no computador. Durante as visitas, observou-se que nenhum visitante interagiu com esse recurso expográfico, pois subentende-se que esse espaço é local de trabalho de funcionários.

Figura 46 – Grupo 4, exposição Histórica



Fonte: Da autora, 2018.

Aqui se encerra o trajeto das exposições que compõem o Museu Jesuítico de San Ignacio Miní, mas há, ainda, alguns apontamentos a serem feitos com base nas observações durante a visita e em posterior análise do material coletado. A exposição Patrimonial é uma adaptação de outro espaço expositivo mais amplo, e é possível observar através da planta baixa (Figura 36) que parte da exposição precisou ser realocada para a sala ao lado, aqui relacionada com a exposição Histórica (Figura 46). Conforme observado, o computador com material gráfico sobre

as reduções não se mostrou efetivo, independentemente de sua localização original. No entanto, a maquete da redução jesuítica de San Ignacio pareceu de acordo com a proposta da exposição Histórica, que apresenta fragmentos arqueológicos retirados das ruínas nos processos de restauro.

É importante ressaltar que a concepção da exposição Patrimonial, que partiu de uma oficina de capacitação ofertada pelo governo argentino, contou com a participação de um grupo de indígenas nos processos de curadoria. É possível perceber ao longo do discurso expográfico a valorização das tradições indígenas e dos costumes que já lhes eram característicos antes do contato entre nativos e jesuítas, bem como das tradições que foram inseridas nas reduções. Tal narrativa mostra os indígenas como atores sociais nos espaços reducionais, não como seres aculturados que deixaram tudo para trás para se reduzirem à fé católica.

Outro fato interessante de ser apontado é que o museu argentino está localizado logo na entrada do sítio e a sugestão dos funcionários é visita-lo antes de realizar o percurso das ruínas, possibilitando que o visitante compreenda a complexidade das reduções jesuíticas através das exposições, estabelecendo o fato museal definido pela museóloga Waldisa Rússio (1981 apud BRUNO, 2014) como a relação entre homem e objeto em um determinado cenário antes de adentrar na realidade da qual tais objetos estavam inseridos.

O Museu das Missões e o Museu Jesuítico possuem a particularidade de estarem inseridos nos sítios arqueológicos dos quais estão intimamente ligados, pois foram criados durante e após os processos de restauro das ruínas, em que os objetos encontrados durante os trabalhos são levados a um novo patamar comunicacional, tornando-se acervos musealizados. Preservados, catalogados e organizados, os objetos que antes estavam espalhados nas ruínas e nas casas dos novos moradores, reúnem-se agora num espaço institucionalizado, tramando narrativas entre si e para com o patrimônio edificado. Esse fato é evidenciado principalmente no caso do Museu das Missões, pois todo o projeto do museu foi pensado de forma a incluir a ruína na paisagem e no percurso expositivo. Já o Museu Jesuítico dá voz aos fragmentos através da exposição Histórica, na qual o visitante lança um olhar ao patrimônio de pedra e cal antes mesmo de percorrer as ruínas.

Segundo Devallon,

Na exposição, o visitante é a relação com o mundo da qual ela trata, não pela mediação abstrata da linguagem, mas pela mediação perceptiva corporal dos objetos e do espaço. Os objetos são elementos que pertencem ao mundo da exposição e que vieram de alguma maneira até o visitante, enquanto a organização da exposição, sua concepção, faz com que esses mesmos objetos sejam para o visitante o meio de ser, de alguma maneira, “transportado”, “imerso” durante o tempo da visita a este mundo (2010, p. 25).

Ambos os museus atraem um público principalmente turístico de várias partes do mundo e que, conseqüentemente, possui uma bagagem cultural muito diversificada, diálogo esse que se configura como um desafio constante para essas instituições. Conforme afirmou Blanco, “A exposição é em si um lugar de encontro entre os objetos e o público” (2009, p. 69), portanto, analisar duas instituições tão semelhantes em suas características nos permite refletir sobre as escolhas curatoriais que são reveladas através de discursos expográficos projetados nos objetos, entendendo, assim, qual mensagem foi proposta e a quem ela se refere. Torna-se um desafio para os museus missionários estabelecer um diálogo com os mais diversos públicos que passam pelas suas exposições, para além das barreiras comunicacionais como a língua, por exemplo. É preciso criar enlaces entre os objetos e outros recursos expográficos de forma que fique clara a mensagem que se pretende passar, dentre tantas que poderiam ser comunicadas sobre a história das reduções jesuíticas.

O interesse em realizar uma análise a partir dos objetos em museus semelhantes surgiu a fim de compreender de que forma a curadoria interfere na interpretação e na experiência expológica e expográfica do visitante. Após observações dos dados coletados, é possível concluir que o Museu Jesuítico da Argentina estabelece um diálogo mais aprofundado tanto entre os objetos quanto com o público, pois através das exposições, especialmente da Patrimonial, é possível compreender as chaves associativas entre os objetos e, principalmente, relacionar os mesmos com as reduções jesuíticas e os modos de viver dos jesuítas e indígenas. Já o Museu das Missões apresenta lacunas na expografia, pois mesmo que o visitante compreenda que os objetos são esculturas produzidas nas reduções e que representam santos católicos, a importância da iconografia missionária e sua variedade de usos foram pouco exploradas nas exposições.

Trata-se de criar uma narrativa que abranja a complexidade histórica dos modos de viver nos espaços reducionais sem esconder a identidade indígena, que

se mostrou presente nesses espaços, tampouco evidenciar somente a fé católica sem problematizá-la. Não seria a solução diversificar o acervo do Museu das Missões, por exemplo, mas sim de tramar narrativas sobre o importante papel que a iconografia barroco-missioneira cumpriu nos espaços reducionais. Os museus são agências de representação (SCHEINER, 2002) e seus posicionamentos refletirão na complexidade e a multiplicidade dos objetos e dos atores sociais que fazem parte da construção da narrativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito analisar os discursos expográficos a partir dos objetos que se encontram nas exposições do Museu das Missões, de São Miguel das Missões, no Brasil, e do Museu Jesuítico, de San Ignacio Miní, na Argentina. Inicialmente, pretendia-se fazer uma análise comparativa entre as exposições de longa duração dos dois museus missioneiros, mas ao longo do desenvolvimento da pesquisa essa proposta mostrou-se incoerente, uma vez que, ainda que semelhantes em sua tipologia, cada instituição apresenta particularidades que precisaram ser levadas em consideração, seja por seu contexto de criação ou pela tipologia de acervo que se diferem, tornando-as únicas.

Para compreender os discursos expográficos apresentados pelas instituições museológicas foi necessário percorrer caminhos que antecedem os processos de curadoria. Para tanto, considerou-se importante tratar da história das missões e reduções, apresentando seus espaços urbanísticos e contextualizando sua importância histórica no período da colonização espanhola na América do Sul. Foram idealizadas pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus advindos da Europa em união com os nativos americanos, que por sua vez necessitavam de proteção contra as investidas dos *encomienderos* e dos bandeirantes. Instaladas próximas ao Rio Uruguai, foram importantes para o desenvolvimento da Província Jesuítica do Paraguai por vários aspectos.

Primeiramente, serviu de abrigo para os índios Guarani, que puderam preservar suas tradições até os dias atuais ao não serem levados para um regime escravocrata, além do mais, ao contrário do que muitos acreditam, os indígenas possuíam voz e participavam ativamente das atividades cotidianas. Também inseriram vários de seus costumes tradicionais nas reduções, como fogueiras dentro das residências, produção de esculturas com motivos decorativos da flora local e ritos espirituais que envolviam música e dança.

Quanto ao complexo urbanístico que consistiam as reduções, também considerou-se importante demonstrar a delimitação demarcada de cada reduto e sua função, pois praticamente todos os objetos que se encontram nos museus missioneiros foram produzidos nas oficinas de cada redução, salvo algumas louças e matérias-primas importadas da Europa, além dos artefatos em ferro, que eram fundidos somente na redução de São João Batista e distribuídos às demais

reduções. Apesar de manterem uma boa relação, a partir do estudo da divisão das reduções é possível perceber uma hierarquia entre padres e indígenas e, ainda, entre indígenas do sexo masculino, feminino e crianças, onde cada um desempenhava um papel específico na sociedade. Ignorar essas práticas na historiografia é retirar a presença Guarani e a relação mútua que se estabelecia com os padres.

Explorar esses fatos históricos foi essencial para entender as informações extrínsecas das quais os objetos em exposição são dotados, facilitando a compreensão do ângulo em que os objetos estão sendo disseminados pelas escolhas curatoriais. As motivações governamentais que deram início ao decurso de valorização e patrimonialização das ruínas de São Miguel e de San Ignacio resultaram na preservação não só dos sítios arqueológicos, como também de diversos artefatos de diferentes materialidades e de variadas funções. Dessa forma, este trabalho incumbiu-se de pesquisar, também, o contexto de criação dos dois museus missionários responsáveis pela salvaguarda e comunicação desses objetos que passaram pelo processo de musealização.

A maior barreira para dar seguimento a esta pesquisa deu-se em busca de informações sobre o Museu Jesuítico, houveram dificuldades em encontrar tais dados, seja pelo idioma ou pela falta de informações disponíveis em *sítes* oficiais ou em pesquisas acadêmicas. Descobriu-se então que a instituição era, na verdade, uma exposição idealizada entre os anos de 2005 e 2007 e que precisou ser realocada para um novo edifício, não sendo considerada, portanto, um museu. Já o Museu das Missões é uma instituição bem definida, criada no início da década de 1940 com o intuito de valorizar o patrimônio nacional brasileiro, e que atualmente possui plano museológico e equipe especializada, sob administração do IBRAM. O museu possui valor legitimado, sendo objeto de pesquisa de diversas áreas do conhecimento. Percebe-se, assim, uma diferença marcante entre as duas instituições por fatores históricos e administrativos que podem ser refletidos em todas as instâncias dos museus, inclusive nas exposições.

Todos esses fatores que foram necessários para o desenvolvimento deste trabalho estão refletidos nas exposições, que também são, ou deveriam ser, resultado de pesquisa histórica e museológica que amplie a dimensão dos objetos selecionados para narrar parte da história. Sem a pesquisa, os objetos são apenas artefatos curiosos em que o visitante aprecia sua estética ou raridade. O cerne deste

trabalho estava nas exposições de longa duração, pautado na seguinte questão: de que forma os museus missionários apresentam a história das reduções jesuíticas através dos objetos? No que tange à Expografia, há muitos elementos que compõem uma exposição e que poderiam render outra pesquisa, mas nesse caso optou-se pela análise específica dos objetos e das narrativas elaboradas a partir dos mesmos. Para tanto, não pôde ser excluído da investigação alguns elementos de apoio como textos expográficos e legendas, uma vez que sozinhos os objetos não comunicam nem ao público não especializado, nem mesmo ao visitante que já possui conhecimento prévio acerca do tema.

É relevante reiterar que a pesquisa baseou-se principalmente no conceito das chaves associativas de Blanco (2009) para compreender as ligações e entrelaces entre objetos no contexto da exposição, seja através de grupos de objetos ou na exposição como um todo. Primeiramente investigou-se exposição de longa duração do Museu das Missões, dividida em duas salas expositivas, da qual traz um apanhado histórico sobre a história das missões e reduções jesuíticas no Brasil na primeira sala e o histórico do museu e a construção do acervo na segunda sala, através de textos expográficos.

Por meio de observações *in loco* e da análise do material coletado por meio de fotografias, conclui-se que os conjuntos de objeto não possuem critérios de associação entre os grupos e que estão distribuídos pelos espaços expositivos somente pela estética e materialidade. Percebeu-se que algumas esculturas estão deslocadas das demais nas vitrines, ou que poderiam ser agrupados com outros objetos de mesmo tamanho, por exemplo. Mediante o levantamento bibliográfico sobre as reduções jesuíticas realizado no segundo capítulo deste trabalho, foi possível perceber a importância da iconografia como material de divulgação dos preceitos cristãos, fatos que poderiam ter sido explorados de formas múltiplas através de conexões bem delimitadas entre objetos e sua função social em diferentes linguagens de apoio, como, por exemplo, vídeos e textos, ao longo da exposição e nas legendas dos objetos.

É preciso levar em consideração o tornado que atingiu o museu no ano de 2016 e que provocou estragos significativos na estrutura das salas expositivas e nos próprios objetos em exposição, precisando fechar as portas ao público por cerca de um ano para a recuperação da instituição. Esse fator pode ter contribuído para o desequilíbrio na exposição, uma vez que parte do acervo precisou ser substituído

por outros objetos ou removido para a nova sala de restauro, que antes também desempenhava papel de sala expositiva. Através de visita no museu e contato com a equipe, é possível perceber esforços para aprimorar a qualidade da exposição.

Com a mesma metodologia realizou-se a análise das exposições de longa duração do Museu Jesuítico de San Ignacio Miní. Através de observações *in loco* e pesquisa do projeto de exposição cedido pela empresa responsável, foi possível tirar algumas conclusões sobre a intenção de curadoria aplicada aos objetos. O museu apresenta duas exposições, também em duas salas expositivas. A primeira exposição, chamada Patrimonial, tem como tema principal as reduções jesuíticas dos Trinta Povos e as práticas sociais e religiosas ali presentes, tal como a produção de ferro e cerâmica, a música e a cristianização. Para tanto, objetos distintos foram agrupados e dispostos em vitrines, unidos pela materialidade ou por funções de uso, há ainda uma vitrine com misturas de tradições cristãs e Guarani. Os textos de apoio organizam os objetos de modo que o visitante consiga observar as chaves associativas dos mesmos e estabeleça uma relação de troca.

A exposição da sala seguinte chama-se Histórica e conta em sua narrativa o abandono das reduções até virarem ruínas e, por conseguinte, a valorização dos remanescentes enquanto patrimônio, trazendo imagens dos primeiros restauros realizados em San Ignacio. Diferentemente da primeira exposição, esta é composta apenas por fragmentos de pedra das ruínas. Nessa narrativa, é possível observar que os objetos não são o principal elo da exposição, pois sem eles também seria possível compreender a mensagem, no entanto, dispô-los numa vitrine produz um efeito diferenciado ao visitante, possibilitando que se perceba detalhes que talvez passassem despercebidos durante o percurso nas ruínas. É importante ressaltar que esses objetos não foram retirados do patrimônio tombado, mas já se encontravam separados de seu local de origem.

Ainda, foi identificado que a maquete que pertencia à exposição Patrimonial dialogou melhor com os fragmentos da exposição Histórica, já o computador com informações sobre as reduções não surtiu o efeito esperado nos visitantes, fato observado durante as visitas *in loco*. No geral, o Museu Jesuítico, como responsável pela comunicação com o público, soube aproveitar as possibilidades e conseguiu unir e entrelaçar os objetos em critérios bem definidos, construindo um discurso claro que pode ser abstraído pelo público alvo, mesmo se tratando de uma exposição readapta.

Após o desenvolvimento desta pesquisa atrelada à busca de respostas para meu problema central, chego à conclusão daquilo que já supunha: não existe fórmula ou um modo correto de abordar um tema numa exposição, porque para isso existem diversos fatores que as moldam, como a missão institucional e o público alvo, por exemplo. O Museu das Missões e o Museu Jesuítico apresentam semelhanças em relação à sua temática, mas foram identificadas diversas disparidades, desde o modo como foram concebidos enquanto instituições museológicas, na formação de suas coleções, na equipe, entre outros fatores que foram abordados ao longo da pesquisa. Considero este trabalho importante como crítica construtiva para criação de novas exposições ou adaptações do que já está exposto sobre a temática missioneira, pois são múltiplas as possibilidades de construir narrativas com objetos testemunho quanto estes registrados nas figuras utilizadas ao longo da análise.

Sobretudo, é necessário que os museus mantenham uma relação de diálogo constante com o público alvo e com a comunidade local, entendendo suas necessidades, despertando e saciando suas curiosidades, não necessariamente num espectro geral do que foram as reduções jesuíticas. Sim, é importante abordá-las historicamente, traçando narrativas que elucidem alguns acontecimentos marcantes, propondo questionamentos e reflexões sobre o passado, mas não só isso, pois é possível trazer essa problemática para o presente: Como esses eventos passados repercutem nos nossos dias? Como tratar de um passado unificado com as fronteiras invisíveis que dividem nossos territórios? De que maneira as reduções se apresentam enquanto parte da história nacional? De que forma os Guarani se inserem nesses espaços atualmente?

Essas e tantas outras perguntas poderão ser abordadas em exposições futuras, pois, como visto, o questionamento é infinito e as possibilidades são múltiplas. Com esta pesquisa, procurei fazer uma aproximação entre as duas instituições que parecem tão distantes e desconhecidas uma da outra, para que se possibilite abrir novos caminhos e novas experiências, já que ambas estão inseridas em sítios arqueológicos considerados Patrimônio da Humanidade, unindo as fronteiras demarcadas. Que este trabalho sirva de inspiração para a reflexão do potencial que os acervos museológicos têm em criar discursos variados sobre as tantas realidades de nosso mundo.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Jacqueline. Amálgamas culturais e representações imagéticas nas doutrinas da Província Jesuítica do Paraguai. **Sæculum**: Revista de História. Periódicos da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, n. 28, jan./jun. 2013, p. 67-81.

BAPTISTA, Jean. **O temporal**: sociedades e espaços missionais. Jean Baptista (Org.). Brasília: IBRAM, 2015. Dossiê missões v. 1: 2 Mb; PDF.

_____. **O eterno**: crenças e práticas missionais. Jean Baptista (Org.). Brasília: IBRAM, 2015. Dossiê missões v. 2: 2 Mb; PDF.

_____; SANTOS, Maria Cristina dos. **As Ruínas** [livro eletrônico]: a crise entre o temporal e o eterno. Jean Baptista (Org.). Brasília: IBRAM, 2015. Dossiê missões v. 3: 2 Mb; PDF.

BAUER, Letícia. **O arquiteto e o zelador**: Patrimônio Cultural, História e Memória. São Miguel das Missões (1937-1950). Porto Alegre, 2006. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BIBLIOTECA PUBLICA DE LAS MISIONES. **Colección Biblioteca Pública De Las Misiones**. In: Fototeca. Disponível em: <<http://bpm.parquedelconocimiento.com/index.php/colecciones-digital/especiales/coleccion-bpm>>. Acesso em: 12 set. 2018.

BLANCO, Angela G. **La exposición, um medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

BOFF, Claudete. **A Imaginária Guarani**: o acervo do Museu das Missões. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.

BOTELHO, André Amud; VIVIAN, Diego; BRUXEL, Laerson. **Museu das Missões**. Coleção Museus do Ibram. 1a edição, Brasília, Instituto Brasileiro de Museus, 2015, 80 p.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: caminhos percorridos. **Revista de Arqueologia**, vol. 26, n.2, 2013 / vol. 27, n.1, 2014, p.4-15.

CANTERO, Julio. **Breve historia de las intervenciones a las ruinas de San Ignacio**. In: JEHSIM – Junta de Estudios Historicos de San Ignacio Misiones Arg [online]. San Ignacio, 2 nov. 2017. Disponível em: <<http://historiasanignacio.com.ar/index.php/2-uncategorised/5-pared>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

CARDOSO, Rafael. Coleção e construção de identidades: Museus brasileiros na encruzilhada. In: BITTENCOURT, José Neves, BENCHETRIT, Sarah Fassa, TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (Eds.). **História Representada: O dilema dos museus: Livro do Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.183-196 (Livros do Museu Histórico Nacional, v.1).

CENTRO ALETHEIA. Restauración y Museología. Disponível em: <<https://patrimoniocentroaletheia.wordpress.com/>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n. 19, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: 15 out. 2018.

CONDE, María Blanco. La “polis ideal” de los jesuitas. El “plano de la Candelaria” en la colección de la Biblioteca AECID. **Biblio AECID Madrid**. In: La Reina de los Mares [online], 2016. Disponível em: <<https://biblioaecidmadrid.wordpress.com/2016/08/18/la-polis-ideal-de-los-jesuitas-el-plano-de-la-candelaria-en-la-coleccion-de-la-biblioteca-aecid/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. VIII Encontro Regional Museologia, Filosofia e identidade na América Latina e no Caribe. **Anais... Coro: ICOFOM LAM**, 1999.

_____. A busca pela autonomia: museologia, museus e globalização. XI Encuentro Regional de ICOFOM LAM, Cuenca e Ilhas Galápagos. **Anais... Equador: ICOFOM LAM**, 2002. p. 54-73.

_____. Museu e comunicação museológica. In: **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005, p. 34-37.

CUSTÓDIO, Luiz Antonio Bolcato. **A Redução de São Miguel Arcanjo: contribuição ao estudo da tipologia urbana missionária**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, 170 p.

_____. **Missões Jesuíticas: Arquitetura e Urbanismo**. Caderno de História, n. 21. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2006.

_____. **Missões: patrimônio e território**. In: MEIRA, A. L. G., PESAVENTO, S. J. (Orgs.). **Fronteiras do Mundo Ibérico: patrimônio, território e memória das Missões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 65-79.

_____. Ordenamentos urbanos nas missões Jesuíticas dos Guarani - parte 1. **Arquitextos**. São Paulo, v. 200.05, ano 17, jan. 2017 [online]. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.200/6398>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. Ordenamentos urbanos nas Missões Jesuíticas dos Guarani - parte 2. **Arquitextos**. São Paulo, v. 17201/6430, ano 17, fev. 2017 [online]. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6430>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Musealização**. In: Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DEVALLON, Jean. **Comunicação e sociedade**: pensar a concepção da exposição. In: BENCHERIT, Sarah Fassa; BEZERRA, Rafael Zamorano e MAGALHÃES, Aline Montenegro (Org.). **Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 21-34.

DIECKOW, Liliana María. **El circuito turístico de las Misiones Jesuíticas Guaraníes**: Situación Actual y Estrategias de Desarrollo. In: CONDET – Realidad, enigmas y soluciones en turismo. Neuquén, ano 2, vol. 3, dez. 2003.

EDELWEISS, Roberta Krahe. **Museu das Missões**: Diálogo e identidade na arquitetura dos museus. Módulo Arquitetura CUC, v. 16, 2016. p. 59-72.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**: cultura ameríndia e civilização do Renascimento. Ed. Paidós, Espanha, 2007.

GUARNIERI, Waldisa. Exposição: texto museológico e o contexto cultural (1986). In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. p. 137-145.

GUIMARAENS, Dinah. **Poder e verdade museográficos**: a experiência expográfica em espaços culturais indígenas. Rio de Janeiro: UNIRIO, Disciplina Museografia II, 2005. p. 11-20. Apostila de sala de aula.

HAHN, Aline Guiráo. **Resgate histórico do Museu das Missões**: Concepção, trajetória e recuperação. XII Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação, Porto Alegre, 24 out. - 28 out., 2016.

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. **Carta de Veneza**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. 1964.

IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Atenas**. 1931. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=232>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

_____. Museu das Missões (RS) reabre após obra de recuperação. In: Notícias. Brasília/DF, 27 set. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/rs/noticias/detalhes/4361/museu-das-missoes-reabre-apos-obra-de-recuperacao>>. Acesso em: 13 set. 2018.

_____. Remanescentes do Povo e Ruínas da Igreja de São Miguel, inclusive a área da antiga praça fronteira, e a edificação do Museu das Missões. **Acervo Digital do IPHAN**. Disponível em:

<<http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/handle/123456789/31358>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

_____. **São Miguel das Missões (RS)**. In: PAC Cidades Histórias [online]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/292>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

_____. **Tornado atinge São Miguel das Missões (RS)**. In: Fototecas. Brasília/DF, 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/galeria/detalhes/160/tornado-atinge-sao-miguel-das-missoes-rs>>. Acesso em: 13 set. 2018.

KERN, Arno Alvarez. **Missões: Uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KNAUSS, Paulo. História de coleção e história de exposição. In: BITTENCOURT, José Neves, BENCHETRIT, Sarah Fassa, TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (Eds.). **História Representada: O dilema dos museus: Livro do Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.127-134 (Livros do Museu Histórico Nacional, v.1).

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, vol. 7, núm. 1, jan./abr. 2012, p. 31-50.

LOYOLA, Érico Teixeira. **As missões jesuítico-guarani: territorialidades, identidades e patrimônio histórico-cultural**. Para onde!? Revista eletrônica: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFRGS. Porto Alegre, v. 8, n. 2, ago./dez. 2014, p. 104-113.

_____; KERBER, Alessander Mario. As Missões Jesuítico-Guaranis e as políticas de preservação do patrimônio histórico-cultural no Mercosul: da nação à integração? **Museologia e Patrimônio**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST. Rio de Janeiro, vol. 9, n. 2, 2016, p. 45-60.

MARTINI, José Xavier. El Taller de Capacitación para personal de centros de interpretación y museos de sitio. In: MARTINI, J. X. (Coord. ed.). **Centro de interpretación San Ignacio Miní: Las Misiones Jesuítico-Guaraníes**. La originalidad de una construcción social. Secretaría de Cultura de la Nación y Gobierno de Misiones. Misiones, Argentina: Latingráfica, 2007.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, N. Ser., v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

_____. **Memória e Cultura Material: Documentos pessoais no espaço público**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. p. 89-104.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. A comunicação através da arte na província jesuítica do Paraguai. **Habitus**: revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. Goiânia, vol. 5, n. 1, jan./jun. 2007, p. 07-11.

_____. **Sistema de Informação da Província Jesuítica do Paraguai**. In: El uso de Sistemas de Información Geográfica (SIG) en Arqueología Sudamericana. Oxford: BAR International, 2013. p.157-172.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Culturas e representações**: uma trajetória. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006. p. 45-58.

_____. **Missões, um espaço no tempo**: paisagens da memória. In: MEIRA, A. L. G., PESAVENTO, S. J. (Orgs.). Fronteiras do Mundo Ibérico: patrimônio, território e memória das Missões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 51-63.

POULOT, Dominique. Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI. **Do monumento aos valores**. Estação Liberdade, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto** - o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

REDE DE ARQUIVOS IPHAN [online]. Disponível em:
<<http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

REPÚBLICA ARGENTINA. **Comisión Nacional de Monumentos, de Lugares y de Bienes Históricos**. Ministerio de Cultura [online]. Disponível em:
<<https://www.cultura.gob.ar/institucional/organismos/museos/comision-nacional-de-museos-y-de-monumentos-y-lugares-historicos/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

RODRIGUES, Ana R. **O Plano Museológico como marco na gestão de museus**: estudo de caso sobre o Museu das Missões/RS (2007-2015). 2015, 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

ROSSI, Elvio Antônio. **O sistema urbanístico das Missões Jesuíticas**. HACER: História da Arte e da Cultura. 2011 [online]. Disponível em:
<<https://www.hacer.com.br/sistema-urbanistico>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SANSONI, Andrés. <a-----@yahoo.com.ar>. Entrevista de estudo TCC Natália Reichert Greff. 19 de agosto de 2018. Mensagem enviada para: <r-----@hotmail.com> em 19 de agosto de 2018. (=doc.eletr.)

_____. **Informe**. Exposiciones del nuevo edificio del Conjunto Jesuítico Guaraní San Ignacio Miní, Subsecretaría de Gestión Estratégica, Gobierno de la Provincia de Misiones, Argentina, 2016.

SÃO MIGUEL DAS MISSÕES RS. **Imagens históricas**. Disponível em:
<<http://saomigueldasmissoesrs.com.br/a-cidade/imagens-historicas/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Museologia e apresentação da realidade**. XI Encontro Regional de ICOFOM LAM, Cuenca e Ilhas Galápagos. **Anais...** Equador: ICOFOM LAM, 2002. p. 96-105.

_____. **Museologia e interpretação da realidade**: o discurso da história (texto provocativo) [online]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006. Disponível em: <<http://iims.userweb.mwn.de/icofom/provocativeterezaportuguese.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2018.

SERRES, Helenize Soares. La Cruz: Entre a estância e a redução. I Encontro de Pesquisas Históricas, Porto Alegre, 27 maio - 29 maio. 2014. In: **Oficina do Historiador**, EDIPUCRS. Porto Alegre, 2014. p. 1575-1588.

SILVA, Elsa Peralta da. Patrimônio e identidade: os desafios do turismo cultural. **Revista ANTROPOLógicas**: Universidade Fernando Pessoa. Lisboa, n. 4, 2000, p. 217-224.

SIMI, Dari José. **Província Jesuítica do Paraguai em mapas históricos**. In: *Imagens Missioneiras*. [S.l.], 11 set. 2015 [online]. Disponível em: <<http://imagensmissioneiras.blogspot.com/2015/09/provincia-jesuitica-do-paraguai-em.html>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SNIHUR, Esteban Angel. **O universo missioneiro guarani**: um território e um patrimônio. Buenos Aires: Golden Company, 2007.

SOSTER, Sandra Schmitt. **Missões Jesuíticas como sistema** / Sandra Schmitt Soster; orientadora Anja Pratschke. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

THIELKE, Nathália. **O percurso das imagens**: a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903-1940). 2014, 217f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

UNESCO. **Jesuit Missions of the Guaranis**: San Ignacio Mini, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto and Santa Maria Mayor (Argentina), Ruins of Sao Miguel das Missoes (Brazil). 2013b. [online] Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/275/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

_____. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. In: CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. 17ª sessão, Paris, 17 out. – 21 nov. 1972. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

WIDMER, Glória Maria. A convenção do patrimônio mundial e o turismo: contribuições para a proteção e função social do Patrimônio Cultural da

Humanidade. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural** – ECA/USP. São Paulo, vol. 2, num. 1, 2008, p. 1-17.